

MANUAL DO EDUCADOR



ALFABETIZAÇÃO

SUMÁRIO

Apresentação	3
Como o livro está organizado?	4
Sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas	9
Quem são a alfabetizanda e o alfabetizando da EJA?	10
Usos do Livro Didático	11
Proposta pedagógica	13
Letramento e Alfabetização	15
Alfabetização Matemática.....	22
Mundo Digital.....	23
Orientações didáticas gerais	25
A sala utilizada para os encontros	26
O planejamento dos encontros.....	27
A rotina do grupo	28
O registro do percurso	29
O clima entre as pessoas.....	29
A realização de projetos.....	30
Os processos de avaliação	30
Orientações didáticas capítulo a capítulo	38
Primeiro Encontro: NOSSO GRUPO	38
Capítulo 1: QUEM SOMOS.....	41
Capítulo 2: TODAS PODEMOS, TODOS PODEMOS!.....	47
Capítulo 3: “O QUE HÁ NUM SIMPLES NOME?”	50
Capítulo 4: EU FAÇO, COMPARTILHO E ASSINO EMBAIXO	55
Capítulo 5: SAMBA	57
Capítulo 6: QUEM É ÍNDIO NO BRASIL?	62
Capítulo 7: “O CINTO DA MODA, O SINTO DA MODA”.....	66
Capítulo 8: SOMOS LIVRES!.....	68
Capítulo 9: TER A TERRA	71
Capítulo 10: CONTAR HISTÓRIAS E NÚMEROS, TRANSFORMAR REALIDADES	73
Referências bibliográficas	78



APRESENTAÇÃO

À Educadora e ao Educador,

Que responsabilidade e que privilégio facilitar a alfabetização de pessoas jovens e adultas! Tanto para a autora e a equipe que editou este livro, quanto para a educadora ou o educador que está em contato com pessoas tão ávidas por aprender.

Quem se envolve com a educação de jovens e adultos (EJA) costuma ter uma relação afetiva poderosa com ela. No caso da autora que vos fala, ainda na infância, sonhando ser professora, ajudei minha avó a se alfabetizar. Processo marcante para toda a vida. Depois, engajada com transformações sociais e políticas, fui educadora do MOVA (Movimento de Alfabetização de

Adultos). Anos mais tarde, descobri em uma sala da EJA como o computador e a Internet podem ser apropriados para facilitar a aprendizagem de jovens e adultos. Essas experiências, centrais na produção deste livro, também motivaram uma pesquisa acadêmica sobre as tecnologias digitais e a EJA. Em minha dissertação de mestrado, entrevistei alfabetizadoras, professoras e educandos da EJA sobre a experiência da alfabetização e da escolarização na juventude e na idade adulta, sobre os usos que as pessoas faziam do digital e sobre as relações da aprendizagem e da escolarização com tais usos.

Para a produção desta obra, consultei outros educadores para conhecer suas práticas e expectativas em relação a um livro didático. Alguns desses consultores colaboraram com ideias, leituras críticas e sugestões a este livro.

A educadora ou o educador que agora lê este material também tem sua história com a EJA, suas experiências, pesquisas, leituras e vínculos afetivos. E essa riqueza, presente em cada alfabetizadora ou alfabetizador, permite adequar este livro às diferentes realidades e melhorá-lo cada vez mais. Apresentamos aqui um ponto de partida que certamente será ampliado com outras referências, ou reduzido em algumas situações, de acordo com as necessidades de cada turma. Este livro, portanto, é de todos nós.

A autora

Como o livro está organizado?

Com exceção do **Primeiro Encontro** e do capítulo 10, todos os capítulos do livro estão estruturados em três grandes seções:

- **Letramento e Alfabetização** – destacada na cor azul no rodapé e nas vinhetas das páginas;
- **Alfabetização Matemática** – destacada na cor laranja no rodapé e nas vinhetas das páginas;
- **Mundo Digital** – destacada pela borda que estampa a imagem de uma placa de computador.

Letramento e Alfabetização e **Alfabetização Matemática** seguem a mesma unidade temática, o que facilita o trabalho interdisciplinar. Ainda assim, existe uma separação gráfica na apresentação das diferentes seções que possibilita o trabalho de cada uma delas isoladamente.

O trabalho interdisciplinar permite uma abordagem menos fragmentada do conhecimento e permite a aprendizagem de maneira ampla, que vai além de tópicos disciplinares. Mas o dia a dia de cada escola ou grupo de alfabetização de adultos é muito diferente. Trabalhar os conteúdos de maneira disciplinar ou interdisciplinar é uma decisão pedagógica importante que precisa ser tomada

pelo grupo de alfabetizadores levando em consideração suas concepções pedagógicas e condições práticas. A intenção neste livro foi apresentar conteúdos de maneira que o grupo de alfabetização escolha como trabalhar, seja em uma proposta interdisciplinar ou separando o ensino da língua do ensino da matemática.

A seção **Mundo Digital** não está integrada às outras intencionalmente. As tecnologias digitais ganham importância a cada dia em nossa sociedade e a apropriação de seus códigos e procedimentos torna-se requisito para o exercício da cidadania e o acesso à informação, ao conhecimento e à cultura. Mas as condições tecnológicas de cada grupo de alfabetização são muito variadas.

Há grupos com acesso a computadores, *tablets* e internet e outros grupos sem nenhum dispositivo eletrônico. A formação de alfabetizadores e alfabetizadoras

para lidar com o digital também não ocorre de modo homogêneo em todo o país. Seria injusto e leviano partir do princípio de que todas as pessoas que se empenham na alfabetização de jovens e adultos pudessem mediar a apropriação das tecnologias digitais. A seção fica, portanto, como um convite e uma breve introdução ao tema. Alfabetizadoras e alfabetizadores que tiverem condições e optarem por trabalhar o digital em suas aulas têm o material disponível para isso. Quando não houver condição para o trabalho em sala de aula, os alfabetizados poderão obter orientação no livro didático para explorar os meios digitais em outros lugares: em suas casas, com a ajuda de parentes e amigos; em *lan houses*; em telecentros, onde ainda podem contar com a mediação de monitores formados para desempenhar tal papel.

Nas páginas de abertura de cada capítulo são apresentados os temas trabalhados no **Letramento e Alfabetização** e na **Alfabetização Matemática**, deixando claro para alfabetizadores e alfabetizados o que irão encontrar. Para o educador, há comentários, dicas e explicações para apoiar o trabalho com o grupo em quase todas as páginas do livro.

Os conteúdos estão divididos nas seguintes subseções:



ESQUENTA

O objetivo da seção é ativar os conhecimentos prévios que os alfabetizados trazem sobre os temas do capítulo. É importante incentivar todo o grupo a compartilhar suas experiências, reflexões e opiniões.



MEU ESPAÇO

Como o próprio nome diz, é um espaço reservado para o alfabetizado fazer o que quiser: desenhos, colagens, listas de palavras, anotações, apontamentos sobre os encontros. Incentive cada alfabetizado a perceber que, além de copiar o que está na lousa ou fazer os exercícios indicados no livro, cada um pode, por conta própria, fazer as anotações e os desenhos que achar pertinentes.



TEXTO

Seção com textos de autoras e autores de todo o Brasil e de diversos gêneros textuais. É a partir dos textos que a língua será estudada. Nos primeiros capítulos, o objetivo não é se dedicar à compreensão exata de cada uma das palavras, mas ambientar os alfabetizados com os sons das palavras, sílabas, letras; e o ritmo da leitura. Os temas dos textos foram escolhidos para facilitar o processo de letramento descrito anteriormente. Quando a turma estiver mais familiarizada com a palavra escrita, comece a chamar a atenção para a leitura de cada uma das palavras. Os comentários em cada texto trazem sugestões para a leitura coletiva.



CONVERSA

O objetivo é estimular a expressão oral, a habilidade comunicativa e argumentativa e a reflexão em grupo. A maior parte das perguntas não tem uma única resposta correta. Incentive todo mundo a falar e, quando for necessário corrigir uma interpretação equivocada, é importante ter o cuidado de não constranger a pessoa, para que ela continue se sentindo confortável em se colocar no grupo. Quando for pertinente, siga as sugestões de cor magenta que aparecem na seção.



ESTUDO DA LÍNGUA

São trabalhadas as explicações, definições e conceitos da alfabetização linguística.



ESTUDO DA MATEMÁTICA

São trabalhadas as explicações, definições e conceitos da alfabetização matemática.



ATIVIDADES

Estão reunidos na seção exercícios diagnósticos, que permitem ao alfabetizando e ao alfabetizador identificar conhecimentos prévios acerca de um tema, e exercícios de fixação para aplicar o que foi aprendido e facilitar a aprendizagem.

$1 + 1 = 2$
 $2 - 1 = 1$

CÁLCULO

Exercícios de Matemática que pressupõem uma articulação de saberes prévios ao conteúdo do capítulo para se chegar a um resultado.

GLOSSÁRIO

São apresentados os significados de algumas palavras de acordo com o contexto em que aparecem no livro. Além de recorrer a essa seção no livro, é essencial incentivar o uso do dicionário para descobrir o significado de palavras desconhecidas.



PRODUÇÃO

Escrita coletiva ou individual de textos relativamente complexos com alguma finalidade social concreta.



HISTÓRIA DE VIDA

Pequenos relatos biográficos de pessoas conhecidas ou desconhecidas que servem de inspiração para os alfabetizados.

As seções podem estar acompanhadas por ícones que indicam nossa sugestão de como trabalhar:

 individualmente

 em dupla

 em grupo

Nas páginas finais, estão reunidos os materiais de apoio às atividades propostas no decorrer dos capítulos. Nos comentários ao professor que acompanham as atividades, mencionamos a existência de material complementar. Segue uma breve descrição:

CRACHÁ: no Primeiro Encontro, sugerimos a cada alfabetizanda ou alfabetizando que escreva o próprio nome em um crachá, com auxílio do alfabetizador. A página 175 pode ser destacada para ser utilizada como crachá. Para que dure mais tempo, vocês podem colocar um papel duro atrás da área do crachá.

LETRAS MÓVEIS: Ao copiar todas as letras nas páginas 177, 179 e 181, o grupo poderá treinar o desenho de cada uma delas. Ajude-os a perceber o movimento das mãos nessa escrita.

Depois, oriente-os a colar um papel duro atrás das folhas para que as letras fiquem firmes e possam ser utilizadas por mais tempo. Enfim, basta cortar cada uma das letras com uma tesoura e utilizá-las para formar palavras.

AGENDA DE TELEFONES: Nas páginas 183 e 184 há espaço para a elaboração de uma agenda com os contatos telefônicos das pessoas do grupo. Além de registrarem o contato de cada colega, que poderá ser útil para a organização de atividades em grupo ou para a comunicação em caso de eventuais faltas, cada alfabetizando vai copiar as letras que formam os nomes dos colegas e os números de telefone. É um exercício de fixação com relevante uso social.

CALENDÁRIO: o calendário está nas páginas 185 e 186. Os alfabetizando devem escrever o número do dia (1 a 28, 30 ou 31) no dia da semana correspondente na tabela de cada mês.

TREINO DA LETRA CURSIVA: Para a alfabetizanda e o alfabetizando que quiser escrever em letra cursiva, é possível treinar o traçado de cada letra nas páginas 187 a 190.

Sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas

Quase 13 milhões¹ de cidadãos e cidadãs brasileiros têm acesso restrito a informações, ao conhecimento e são privadas de direitos sociais, civis e políticos por estarem em condição de analfabetismo. Nosso grande desafio, como nação, é maior que ensinar o bê-a-bá para reduzir esses números. Precisamos que todas as pessoas se apropriem dos códigos necessários para se beneficiar da leitura e da escrita em suas vidas. Apropriar-se da leitura, da escrita e da lógica matemática amplia as possibilidades de ação no mundo, facilitando a realização de projetos individuais e coletivos que melhorem as condições de vida de todas as pessoas e o exercício da cidadania. Nosso compromisso, portanto, não pode ser com uma educação de jovens e adultos restrita à decodificação das letras e dos números, mas com a concepção de aprendizagem ao longo da vida. Aprender a aprender para fazer isso sempre que desejarem.

Em nossa sociedade, onde a leitura e a escrita são centrais, a alfabetização e a escolarização básica são importantes para que outras aprendizagens ocorram.

E no tempo em que vivemos, quando as tecnologias digitais compõem um cenário de mudanças no mundo do trabalho, na comunicação e no exercício da cidadania, é possível afirmar que a apropriação de tais tecnologias também se coloca como necessidade básica de aprendizagem de todas as pessoas.

No processo de alfabetização aqui proposto, jovens e adultos devem aprender a ler, escrever, calcular e, cada vez mais, manejar as tecnologias digitais. Este aprendizado acontece não só pela repetição e imitação do que é ensinado, mas também pela valorização dos saberes acumulados ao longo da vida, a apropriação e a ressignificação dos saberes escolares, o convite a novas experiências e à construção de conhecimento. Nesta etapa devem ser desenvolvidas habilidades, interesses e valores para que se possa aprender em diferentes contextos, dentro e fora da escola, por toda a vida.

¹ PNAD (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios), 2011. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/default.shtm>. Acesso em: 4 maio 2013.

Quem são a alfabetizanda e o alfabetizando da EJA?

As pesquisas indicam algumas características comuns às pessoas que frequentam grupos de alfabetização na juventude e na idade adulta: já frequentaram a escola, mas dela foram excluídos; ocupam posições profissionais que exigem pouca qualificação; são mal remunerados; pertencem às camadas mais pauperizadas da população. São pessoas que, em sua maioria, trabalham, têm participação ativa na vida familiar e comunitária, dominam diversas estratégias para tocar a vida sem os recursos da leitura, da escrita e da matemática. O universo simbólico e a capacidade cognitiva dessas pessoas não são menos complexos que os de jovens e adultos escolarizados. São pessoas fluentes na leitura do mundo, que precisam aprender a ler e a escrever palavras; dominar e aplicar o raciocínio lógico-matemático e ter fluência também no mundo digital.

Apesar das características comuns, os grupos de alfabetização costumam ser bastante heterogêneos: diferentes gerações em uma mesma turma, com trajetórias de vida singulares, diferenças de gênero e etnia. E, além das características do grupo, cada indivíduo carrega suas próprias marcas e aprende de maneira diferente. Tanta diversidade faz do trabalho na EJA um grande desafio, na mesma medida em que abre possibilidades para que as pessoas aprendam umas com as outras, ensinem aos colegas aquilo que dominam melhor, criem uma relação de confiança e mais igualdade com o educador.

Quanto mais as características positivas do grupo e de cada indivíduo forem ressaltadas, maiores as possibilidades de aprendizagem.

Usos do Livro Didático

A literatura da Educação, independentemente da tradição ou linha teórica, afirma a importância de livros didáticos e outros materiais de apoio no processo de ensino-aprendizagem.

Especialmente na alfabetização de pessoas jovens e adultas, o livro didático cumpre o papel fundamental de organizar saberes que muitas vezes estão incorporados ao cotidiano dos alfabetizandos, mas não são nomeados ou reconhecidos como saberes escolares.

Para algumas pessoas, os conteúdos apresentados no livro didático, como o alfabeto e os números, são organizados com uma explicação e uma sequência pela primeira vez. Esse pode ser o primeiro livro de muitas pessoas. Ter nas mãos uma chave que abre as portas para o mundo letrado é um caminho concreto de empoderamento e transformação. Para quem já frequentou a escola ou têm maior contato com a língua escrita, o livro sistematiza o conhecimento que a pessoa já carrega com ela, permitindo que ela se sinta mais segura para aplicar e reconhecer o que sabe. Quando cada indivíduo do grupo tem acesso ao mesmo livro, com o mesmo conteúdo, existe a possibilidade maior de equalizar o acesso à informação e ao conhecimento.

Na sala de aula, a metodologia do trabalho da educadora e do educador está centrada na utilização de tecnologias que sistematizam o que deve ser trabalhado com os alunos: lousa, projetor, vídeos, livros. O livro didático, além de reunir conteúdos, reproduz valores sociais e tem papel importante nos processos de estímulo à reflexão e à criticidade. Este papel exige, além de rigor conceitual, competência pedagógica e vigilância ética de quem os produz. Mas como nenhum livro tem sentido em si mesmo, é sabido que a relevância de qualquer material didático só existe pelos usos que se fazem dele. E o papel principal na definição dos usos dos materiais é da alfabetizadora e do alfabetizador. A responsabilidade e a possibilidade de sucesso no processo de alfabetização, portanto, estão menos no processo de escrita, edição e revisão desse material que nos usos concretizados na prática.

Por usos, pode-se compreender “operações de emprego ou reemprego” dos materiais, conforme definido pelo pesquisador Michel de Certeau: “*Como na literatura se podem diferenciar ‘estilos’ ou maneiras de escrever, também se podem distinguir ‘maneiras de fazer’ – de caminhar, ler, produzir, falar etc.*”. Por mais que os livros apresentem sugestões didáticas, as diversas possibilidades de usos são produtos do chamado consumir, ou seja, de quem o utiliza no dia a dia, não de quem o produziu ou elaborou sugestões didáticas.

E este consumir do livro didático nunca é passivo. Especialmente em grupos heterogêneos de alfabetização de pessoas adultas, quando as necessidades individuais e o tempo de aprendizagem de cada pessoa é tão diferente. A educadora e o educador assumem o papel essencial de trazer mais referências em alguns momentos, preparar exercícios adicionais para o grupo todo ou uma parte dos educandos, trabalhar determinado conteúdo de modo diferente como aparece na orientação didática do livro, não utilizar algumas partes, alterar a ordem do que é apresentado. Isso porque só quem está olhando atentamente para o grupo de alfabetização pode saber quais as necessidades específicas daquelas pessoas e as melhores estratégias para facilitar que elas aprendam. O livro, portanto, é um ponto de partida. É um guia, como um roteiro de viagem, que pode ser melhorado o tempo todo.

Com a emergência de uma cultura digital, quando boa parte do conhecimento que as pessoas produzem está digitalizada e disponível na internet, existe a possibilidade de educadores compartilharem as melhorias que fazem nos livros, estratégias didáticas que funcionam bem em seus encontros de alfabetização, exercícios preparados para sua turma que podem ajudar outras pessoas. Assim, consumir e produzir material didático se misturam e qualquer pessoa interessada em compartilhar suas produções com outra pode ser autora de material didático. A partir de um livro, portanto, podem surgir novas ideias, novas propostas e novas atividades que aumentem suas possibilidades de uso e melhorem sempre a qualidade do material.

Proposta pedagógica

O objetivo central da etapa de alfabetização é incluir pessoas jovens e adultas no mundo da leitura, da escrita e da matemática ao mesmo tempo em que se promove a reflexão crítica e criativa da realidade e se amplia o repertório de cada um. Para alcançar tal objetivo, parte-se do conhecimento prévio que cada jovem e adulto acumulou ao longo da vida: os saberes e fazeres do mundo do trabalho, da participação política, comunitária e familiar, das expressões culturais e artísticas, de experiências, gostos e subjetividades.

Diferentemente de crianças em fase de alfabetização, que conhecem pouco das letras e pouco do mundo, jovens e adultos alfabetizando sabem pouco das letras e muito sobre o mundo. Reconhecer, valorizar e convidar à ampliação de tais saberes é essencial para que a aprendizagem do jovem e do adulto aconteça. Por mais que educadores da EJA falem sobre as diferenças entre a alfabetização de crianças e de adultos, é comum ouvir em tom de surpresa ou admiração frases como “as crianças de sete anos fazem essa atividade com facilidade, mas meus alunos adultos têm muita dificuldade”. É preciso reconhecer que dificilmente encontraremos atividades efetivas para a alfabetização de crianças e adultos. Não pelas questões da língua em si (letras, sons, símbolos, pontuação), mas pelos temas e assuntos das atividades. O adulto que não sabe ler ou escrever tem pensamento complexo e reflexivo, dificilmente um conteúdo pensado para crianças vai colocar algum desafio ou motivação intelectual para ele. Ora, se o único desafio de juntar as letras for juntar as letras, sem qualquer outro desafio emocional ou intelectual, juntar as letras fica mais chato e mais difícil. Se o assunto for interessante para o adulto, ou pelo menos pertencer a seu universo, juntar as letras ganha uma dimensão mais profunda e realizar a atividade fica mais fácil. Decodificar e reproduzir os códigos linguísticos precisa ser um caminho para acessar ou comunicar informações e expressões artísticas significativas.

No modo como o livro foi organizado, cada capítulo tem uma temática central, trabalhada nos textos, nas propostas de expressão oral e nas atividades. A construção do conhecimento alfabético e ortográfico, assim como as aprendizagens matemáticas de contar, calcular, medir e resolver problemas são desenvolvidas a partir dos seguintes temas:

- **Capítulo 1:** identidade
- **Capítulo 2:** igualdade e diversidade de gênero
- **Capítulo 3:** símbolos e representações
- **Capítulo 4:** autoria
- **Capítulo 5:** cultura afro-brasileira
- **Capítulo 6:** cultura indígena
- **Capítulo 7:** moda, consumo e consumismo
- **Capítulo 8:** liberdade e escravidão no passado e no presente
- **Capítulo 9:** questão agrária
- **Capítulo 10:** transformação social

Nem todos os alfabetizandos vão se interessar por todos os temas, é claro, mas o convite a acessar o conhecimento prévio de cada um sobre aquele tema já dá algum significado a ele. Nenhum dos textos ou imagens selecionados ou produzidos para este livro foram feitos para crianças, todos foram planejados para adultos.

A diversidade regional do Brasil é considerada em todo o livro. A reflexão sobre as funções sociais da leitura, da escrita, dos números e da escolarização, assim como as variações linguísticas, permeiam todo o livro, mas são explicitadas em alguns momentos, conforme registrado nos comentários para educadores e nas orientações didáticas deste Manual.

São utilizados textos de diversos autores, oriundos de todas as regiões do Brasil, de gêneros diferentes: há letras de músicas, crônica, documento, cordel, ditado popular, poemas, cartas, propaganda, depoimento, artigo de divulgação científica, relatos biográficos. A análise e a comparação desses textos permite abstrair e apreender conceitos e regras da língua escrita que passam, aos poucos, a ser aplicados na escrita dos alfabetizandos.

Nos cinco capítulos iniciais, só a letra bastão é utilizada no livro. A partir do capítulo 6 são apresentadas a letra imprensa maiúscula e minúscula e a letra cursiva. O objetivo é permitir fluência na leitura de qualquer tipografia. Na escrita, sugerimos a cada aluno que escolha o tipo de letra que achar mais adequado.

A linguagem oral é aprimorada permanentemente pelo convite à expressão de opinião, à interpretação oral de textos e aos debates de temas polêmicos quando é necessário argumentar com mais firmeza.

● Letramento e Alfabetização ●

Mesmo sem conhecer todas as letras do alfabeto, quem chega à sala de alfabetização tem alguma experiência com a leitura e a escrita. A maior parte dos alfabetizandos reconhece o desenho do próprio nome, a marca de determinados produtos, sabe a diferença entre letras e números.

Isso porque a leitura começa antes da decodificação das letras, sílabas, palavras. Identificar o desenho de uma palavra e antecipar seu significado, reconhecer visualmente algumas palavras escritas ao ouvir a leitura de um texto, antecipar e criar hipóteses acerca do escrito são formas de leitura.

É importante chamar a atenção dos educandos para as variadas formas de leitura. Cada um tem uma imagem de leitura ideal no imaginário, quase sempre distante das habilidades que possui naquele momento. Por mais que se avance na aprendizagem, muitos sujeitos ficam com a impressão de que não estão aprendendo nada por não conseguirem, em poucas semanas, ler textos inteiros em voz alta, com entonação fluente. Chamar a atenção para cada avanço neste processo motiva os alfabetizandos a continuarem e ajuda cada um a perceber e avaliar seus avanços e dificuldades e a trabalhar melhor.

Não há um caminho linear pelo qual todas as pessoas aprendem a ler e a escrever, há inúmeras possibilidades de aprendizagem e cada pessoa faz sua própria trajetória. Por isso é importante, no grupo de alfabetização, propiciar variados momentos de leitura individual e coletiva, de textos longos e pequenos, de uma diversidade de gêneros, temas e variações linguísticas. Com a prática da leitura, cada alfabetizando cria e reformula hipóteses linguísticas e antecipa sentidos durante a leitura de modo autônomo, antes mesmo de o educador explicitá-los nas aulas.

Nesse livro, são apresentados textos longos e complexos desde o primeiro encontro. O objetivo de início não é que as pessoas consigam ler cada palavra, mas que se acostumem à prática da leitura, ouvindo o alfabetizador ler em voz alta e criando suas próprias hipóteses de decodificação entre o que se ouve e o encadeamento de letras e palavras.

Com a leitura e interpretação coletiva dos textos, o letramento se realiza e há subsídios para o estudo detalhado das palavras a partir de algumas letras e famílias silábicas, capítulo a capítulo.

Já nas primeiras lições é possível explicitar a relação entre as letras e os sons da fala. Por meio das atividades específicas, do treino da escrita e do contato permanente com uma variedade de textos, os alfabetizandos começam a perceber padrões e convenções gráficas na escrita.

Quando se compreende o conceito de sílaba, há um passo importante na apropriação da escrita. É como se fossem entregues peças de quebra-cabeças que podem ser encaixadas, separadas e reencaixadas formando novos significados. Mesmo antes da apresentação formal de uma letra e de ser explorada sua família silábica, como o ba, be, bi, bo, bu, formado pela letra B, muitos estudantes conseguem antecipar essas construções, manipulando as letras móveis, depois o silabário, depois um quebra-cabeça mental de letras e sílabas cada vez com mais destreza.

Aqui, optou-se por apresentar o alfabeto, com os sons e o desenho de cada letra no início do estudo da língua, no primeiro capítulo. Como se verá um pouco adiante, nas orientações didáticas, são propostas situações de cópia das letras com o objetivo de reconhecer visualmente e desenhar em detalhes cada uma delas. Para quem nunca escreveu, a melhor maneira de segurar o lápis ou a caneta é um aprendizado relevante, assim como cada reta ou curva que forma uma letra. Além das dicas do alfabetizador e dos colegas, o caminho para essa aprendizagem é a repetição.

As vogais são trabalhadas nos capítulos 2 e 3. A partir do capítulo 4 são destacadas algumas consoantes e explicitadas as famílias silábicas formadas por elas. A escolha da ordem em que as letras são apresentadas foi definida de acordo com a regularidade de sons, conforme sistematizado por Miriam Lemle, no *Guia teórico do alfabetizador*.

Os fonemas são as unidades de som, caracterizados por um conjunto de traços distintivos, e estão representados entre barras inclinadas, de acordo com a notação do alfabeto fonético internacional.

Quando o educando compreende que as letras são símbolos dos sons, tende a associar cada letra a um som. No entanto, essa relação só acontece com poucos fonemas na língua portuguesa falada no Brasil.

No Quadro 1, apresentamos os casos de correspondência biunívoca entre letras e sons, em que cada som corresponde a apenas uma letra.

QUADRO 1	
Correspondências biunívocas entre fonemas e letras	
p	/p/
b	/b/
t	/t/
d	/d/
f	/f/
v	/v/
a	/a/

Fonte: LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2005.

No Quadro 2, temos o segundo tipo de relação entre fonemas e letras do alfabeto. São os casos em que as letras correspondem a sons diferentes, dependendo da posição que ocupam. É possível aprendê-las por meio da observação da posição da letra na palavra e das letras/fonemas que estão antes e depois.

A realização do fonema na fala não corresponde à escrita. Por exemplo: “Se ‘pau’ e ‘sal’ são faladas do mesmo modo na minha região, por que escrevemos ‘sal’ com L? Por que escrevemos ‘samba’ com M se o som é o mesmo que N? Se em algumas regiões do país eu falo ‘leiti’, tenho que escrever com E no final?”. A resposta do educador deverá ser: “Precisamos observar a posição das letras para saber como serão escritas as palavras”.

QUADRO 2			
Uma letra representando diferentes sons, segundo a posição			
Letra	Fone (sons)	Posição	Exemplos
s	[s]	Início de palavra	sala
	[z]	Intervocálico	casa, duas árvores
	[š]	Diante de consoante surda ou em final de palavra	resto, duas casas
	[ž]	Diante de consoante sonora	rasgo, duas gotas
m	[m]	Antes de vogal	mala, leme
	(nasalidade da vogal precedente)	Depois de vogal diante de p e b	campo, sombra

Letra	Fone (sons)	Posição	Exemplos
n	[n]	Antes de vogal	nada, banana
	(nasalidade da vogal precedente)	Depois de vogal	ganso, tango, conto
l	[l]	Antes de vogal	bola, lua
	[e] ou [ɛ]	Depois de vogal Não final	calma, sal dedo, pedra
	[i]	Final de palavra	padre, morte
	[o] ou [ɔ]	Não final	bolo, cova
	[u]	Final de palavra	bolo, amigo

Fonte: LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2005.

O Quadro 3 traz o terceiro tipo de relação, em que duas ou mais letras representam o mesmo som. A aprendizagem dessa relação não tem nenhum apoio de outras letras da palavra. Aprendemos a grafia dessas palavras pela frequência com que as vemos na leitura de textos e à medida que as escrevemos, recorrendo a consultas a outras pessoas e a dicionários para esclarecer as dúvidas. Esse é um aprendizado para a vida toda, já que todas as pessoas têm dúvidas em determinados momentos. Ensinar os educandos a pesquisar em dicionários impressos e *on-line* é muito importante para que se tornem escritores autônomos. Alguns casos de grafia desses sons podem ser compreendidos pelas relações morfológicas, que serão objeto de ensino-aprendizagem em momentos posteriores da vida escolar.

QUADRO 3			
Um som representado por diferentes letras, segundo a posição			
Fone (som)	Letra	Posição	Exemplos
[k]	c	Diante de a, o, u	casa, come, bicudo
	qu	Diante de e, i	pequeno, esquina
[g]	g	Diante de a, o, u	gato, gota, agudo
	gu	Diante de e, i	paguei, guitarra
[i]	i	Posição acentuada	pino
	e	Posição átona em final de palavra	padre, morte
[u]	u	Posição acentuada	lua
	o	Posição átona em final de palavra	falo, amigo

Fone (som)	Letra	Posição	Exemplos
[R]	rr	Intervocálico	carro
[r forte]	r	Outras posições	rua, carta, honra
[ɔw]	ão	Posição acentuada	portão, cantarão
	am	Posição átona	cantaram
[ku]	qu	Diante de a, o	aquário, quota cinquenta, equino
	qu	Diante de e, i	
	cu	Outras	frescura, pirarucu
[gu]	gu	Diante de e, i	aguenta, sagui
	gu	Outras	água, agudo

Fonte: LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2005.

Assim, foram apresentadas primeiro as letras que têm sempre o mesmo som, independentemente da posição nas sílabas e palavras, partindo para as letras

que assumem sons diferentes, na seguinte sequência:

Capítulo 4: P, B, T, D, F, V

Capítulo 5: M, N, L

Capítulo 6: H

Capítulo 7: Z, X, S

Capítulo 8: C, Q, G

Capítulo 9: R

A linguagem não é exclusiva do ser humano. Tem-se observado que alguns animais, como as abelhas e as formigas, possuem sistemas de comunicação.

No entanto, esses sistemas e a linguagem das pessoas têm características diferentes. O ser humano usa a linguagem de modo consciente, enquanto os animais comunicam-se instintivamente. A linguagem humana possibilita a representação de conteúdos infinitos, já os animais expressam um número limitado de mensagens. Outro aspecto importante é que as línguas humanas modificam-se continuamente. As espécies animais, por outro lado, não alteram seus sistemas simbólicos com o passar do tempo ou não os adaptam a situações diferentes. São linguagens as línguas, a fotografia, a moda, os gestos, a música, por exemplo. Em nosso livro, vamos estudar mais detidamente a Língua Portuguesa como linguagem. Podemos comparar a língua a um prédio. A sustentação do prédio é obtida a partir das relações entre colunas, paredes e pisos. Ao longo do tempo, o

prédio pode ser reformado, conservando sua estrutura básica. O mesmo ocorre com a língua, ela possui uma estrutura que lhe dá sustentação. Ela é um sistema organizado pertencente a todos os falantes de uma determinada comunidade linguística. No entanto, a língua é maior e mais complexa que um prédio, já que não conseguimos visualizar o seu todo a partir da soma dos conhecimentos linguísticos de todos os falantes. Um meio de conhecer uma língua, portanto, é observar a fala dos membros da comunidade. Podemos perceber muitas diferenças ao ouvir as falas dos brasileiros. Essas diferenças são chamadas de variantes linguísticas. Elas acontecem em função das regiões do país, das faixas etárias, do gênero, das atividades produtivas, da escolaridade, do poder aquisitivo. Numa mesma comunidade de falantes, podemos distinguir modos diferentes de usar a língua. Cada grupo da comunidade utiliza um conjunto de elementos da língua que constitui sua norma de uso. Diferentemente da compreensão do senso comum de que norma é um conjunto de regras que define o que é correto e o que é errado, o conceito de norma representa o conjunto de signos que tem emprego mais frequente por determinado grupo de falantes. A compreensão de norma como padrão do que é correto está relacionada aos grupos sociais de maior prestígio. Como esses grupos predominam em posições sociais mais valorizadas em relação a outros grupos, sua norma linguística também é mais valorizada do que as outras. As formas linguísticas adotadas por esses grupos são empregadas nos meios de comunicação e nas instituições oficiais e aprendidas na escola, provocando, assim, a impressão de que constituem a única norma existente na comunidade e de que as demais são desvios dessa norma.

O educador precisará ter atenção com as variantes linguísticas faladas pelos educandos. As pronúncias de “beijo” como “bejo” ou “feira” como “fêra”, “vil” como “viu”, “olho” como “ôio”, “planta” como “pranta”, “problema” como “poblema” precisam ser tratadas com respeito. Será preciso considerar as variantes como formas contextuais ou arbitrárias, como as dos Quadros 2 e 3, questionando as posições que ocupam.

A cada capítulo aumenta o vocabulário dos alfabetizados, assim como a segurança para expressar-se oralmente e por escrito. É muito importante explici-

tar aos estudantes que nessa fase de apropriação do código escrito a correção ortográfica é uma preocupação secundária, ou seja, escrever as palavras com

inadequações ortográficas é normal e não deve ser uma preocupação. O objetivo é, ao final dessa etapa, escrever textos legíveis que comuniquem o planejado; além de ler e compreender textos diversos e aprimorar a expressão oral.

As atividades de escrita no livro estão sempre articuladas às leituras. Nos primeiros capítulos, a proposta de escrita individual está centrada na cópia, na repetição, na fixação, no desenvolvimento de elementos da forma composicional e do conteúdo temático dos gêneros do discurso. Esse processo, que acontece paralelamente ao processo de letramento descrito anteriormente, é essencial para a escrita autônoma. As propostas de produção de textos no início são sempre coletivas: o grupo define o que escreve, a ordem das ideias e das palavras, mas o registro escrito é responsabilidade do alfabetizador em cartazes ou na lousa. Conforme a apropriação da língua, aparecem as propostas de escrita de textos individualmente. E se torna importante inserir momentos de revisão dos textos. Todo escritor renomado escreve um rascunho, melhora o escrito depois de uma ou mais revisões. Com escritores iniciantes não pode ser diferente.

Durante o processo de alfabetização e letramento, é essencial que se cultive o gosto pela leitura e a escrita. O interesse pela língua escrita precisa de estímulo e exercício. Sempre que possível, apresente textos sobre os temas de interesse da turma, tanto para o grupo quanto individualmente. O melhor jeito de aprender a ler e de tomar gosto pela leitura é continuar a ler. Ao final do livro e do período de alfabetização, será uma grande vitória ter uma turma de leitoras e leitores interessados em aprender mais, seguindo a escolarização na EJA no ensino fundamental.

● Alfabetização Matemática ●

Grande parte dos alfabetizados da EJA operam números, medidas e estimativas em seu cotidiano. Em casa ou no trabalho lidam com dinheiro, calculando quanto pagar, troco, juros; medem tempo, massa, área. Mas não costumam reconhecer esses saberes como matemáticos e têm dificuldade em aplicar as soluções conhecidas em outros contextos.

No grupo de alfabetização, portanto, parte-se do conhecimento dos alfabetizados para sistematizar saberes matemáticos que ganham nome, são organizados e percebidos como regularidades.

Como na alfabetização linguística, é necessário diagnosticar o que os estudantes já sabem para conseguir planejar o trabalho. Em uma breve entrevista, é importante perguntar e verificar se a pessoa lê e escreve números, compara e ordena quantidades, utiliza calculadora, conhece unidades de medida convencionais, lê e interpreta tabelas e gráficos.

Pode-se partir do conhecimento prévio dos alfabetizados para planejar e adequar o que será trabalhado em grupo e individualmente.

Com base em situações matemáticas cotidianas e de situações-problema são explorados conhecimentos matemáticos e desenvolvidos o raciocínio lógico e as competências de abstração e generalização.

Para tanto, é muito importante que, na resolução de problemas, o plano de solução elaborado pelo estudante seja explicitado, assim como a execução do plano para se chegar ao resultado. É essencial saber comunicar a resposta ao problema e justificar o caminho para chegar à solução.

● Mundo Digital ●

Os usos das tecnologias digitais têm influenciado a maneira como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo, remodelando aspectos sociais – como o trabalho, a comunicação e o tempo; econômicos – dos modos de produção e circulação de bens; políticos – colocando novas possibilidades para o exercício da cidadania; e culturais – dos sentidos e interpretações a eles atribuídos. A intensidade e o ritmo acelerado das mudanças permite afirmar que estamos vivendo uma revolução tecnológica, saindo de uma era industrial para uma era informacional.

Neste momento em que jovens e adultos buscam a alfabetização linguística e matemática, existe a possibilidade de iniciarmos também uma alfabetização digital, para não reproduzir a situação de exclusão dessas pessoas mais uma vez. Devido à atual importância das tecnologias digitais, é possível afirmar que dominá-las é uma necessidade básica de aprendizagem do presente. Segundo Vanilda Paiva, tratam-se de “*conhecimentos necessários à sociedade do conhecimento*”; a autora afirma que jamais se escreveu e se publicou tanto na história da humanidade; jamais existiram antes tantas formas de difusão e de comunicação do conhecimento. Paralelamente, nunca tantos inventos foram tornados disponíveis para utilização direta pelas pessoas – exigindo delas conhecimentos compatíveis.

Cabe registrar que a “Agenda para o Futuro”, resultado da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), detalhava o papel das tecnologias na EJA: promover uma comunicação interativa, uma maior compreensão e cooperação entre povos e culturas, a difusão de filosofias, criações culturais e modos de vida dos alunos, o acesso à educação a distância, a exploração de novas modalidades de aprendizado, o exercício crítico a partir de análises dos meios de comunicação, a divulgação de material didático, a promoção do uso legal de propriedade intelectual e o reforço a bibliotecas e instituições culturais.

Apesar de as tecnologias digitais estarem em muitos espaços, públicos e privados, e de mais de 67 milhões de pessoas utilizarem a Internet no Brasil (PNAD, 2009), o crescente número de internautas camufla que parte da população brasileira ainda sofre da chamada exclusão digital.

A noção de exclusão digital surgiu no Brasil no final da década de 1990, no mesmo período em que se falava de digital divide, digital *apartheid*, divisão ou brecha digital em todo o mundo. Como esclarece o sociólogo Sergio Amadeu da Silveira, o termo é utilizado para “denunciar os processos que impedem a maioria da população de acessar a comunicação mediada por computador, ou seja, de utilizar as redes informacionais”.

O que significa utilizar satisfatoriamente tais tecnologias, porém, não cabe em fórmulas predeterminadas ou no cumprimento de tarefas aleatórias. Dessa forma, deve-se considerar incluído digital quem conseguir valorizar e utilizar as tecnologias digitais em sua vida de maneira significativa.

O conteúdo da seção Mundo Digital apresenta brevemente algumas possibilidades de utilização das ferramentas digitais para que os alfabetizandos realizem seus projetos: seja fazer uma pesquisa na internet, comunicar-se com amigos e parentes ou publicar suas imagens e vídeos *on-line*.

Como foi dito anteriormente, não se pode exigir que o alfabetizador ou o local de alfabetização tenha as condições necessárias para essa aprendizagem. Assim, a seção foi pensada como um almanaque simplificado, com informações pontuais úteis na sala de aula, ou para uso dos alfabetizandos fora da sala de aula, em suas casas, *lan houses* ou telecentros.

Orientações didáticas gerais

Antes das sugestões relativas a cada capítulo, vale refletir um pouco sobre os encontros do grupo de alfabetização como um todo. Inúmeros fatores influenciam na aprendizagem de cada alfabetizando e na sintonia do grupo entre si e com a alfabetizadora, tão necessária para a apreensão de códigos e conceitos, o bom uso do tempo e a permanência do grupo sem elevados índices de evasão.

Para aqueles que não escrevem nada, é preciso chamar a atenção para a postura corporal: mostrar como sentar na cadeira apoiando bem as costas e deixando os braços sobre a mesa; como se segura o lápis para escrever com mais facilidade. Para tanto, pode-se aproveitar a diversidade do grupo e estimular que um aluno ajude o outro: aqueles que têm mais facilidade para “desenhar” as letras podem mostrar para os demais a posição dos dedos ao segurar o lápis ou a caneta com firmeza, facilitando a fluidez do movimento da escrita. Se a maior parte do grupo não dominar essa postura, você pode propor uma atividade de pesquisar pela comunidade, dentre as pessoas que sabem escrever e o fazem com frequência, como é mais eficiente segurar o lápis, sentar-se, apoiar o papel.

Tome cuidado para não infantilizar a voz, o vocabulário ou as propostas de atividade. As pessoas jovens e adultas podem não saber ler ou escrever, mas continuam sendo adultas. Ser tratado como criança pode ser considerado desrespeito, prejudicar a autoestima do jovem e do adulto e desmotivar a aprendizagem.

Devido à diversidade de valores e de religião, evite utilizar palavras que podem ser mal interpretadas. A proposta de jogar, por exemplo, é interpretada por muitos alunos como algo ruim. Se a palavra jogo não for problematizada como um tema, é provável que não seja necessário utilizá-la. Por isso, o livro sempre fala em atividade e não utiliza a palavra jogo ou bingo. É claro que se for necessária a utilização da palavra jogo para o letramento, ou seja, para a discussão, a problematização e a leitura de mundo, ela deve ser utilizada. A defesa aqui não

é evitar o confronto de perspectivas, mas não ser agressivo com ninguém. Tratar de temas polêmicos e lidar com a confrontação de opiniões diversas é parte essencial do letramento, mas deve ser planejado intencionalmente.

Dentre outros fatores que interferem diretamente na boa relação do grupo e na aprendizagem, destacam-se: a sala utilizada para os encontros; o planejamento das aulas; a rotina do grupo; o registro do percurso, o clima entre as pessoas, a realização de projetos e os processos de avaliação. Abaixo, alguns apontamentos sobre cada um deles.

A sala utilizada para os encontros

O espaço físico é muito importante para as pessoas se sentirem acolhidas e convidadas a aprender. Além de ser necessário ter alguns elementos essenciais ao alcance das mãos.

Em vez de cadeiras e mesas enfileiradas, quando cada aluno pode ver o professor lá na frente, mas fica difícil interagir com os colegas, as mesas podem ser organizadas de outra forma. Em roda para discussões, leitura e produção de texto coletivo, para que todos tenham a oportunidade de se olhar; em pequenos grupos ou duplas para a escrita individual ou coletiva. Não é necessário manter a sala sempre da mesma maneira. É possível convidar os alfabetizados a decidirem e a arrumarem a disposição das cadeiras.

Dividir a responsabilidade pelos cuidados do espaço é excelente para o grupo se sentir parte dele, efetivamente, além de contribuir para o espaço ficar agradável sem o trabalho sobrar só para a pessoa designada para a limpeza ou para o educador. Recolher o lixo, limpar algo que caiu no chão, enfeitar a sala com flores ou cartazes pode ser uma atitude de qualquer um. Fale dessas possibilidades para turma.

Organizar um pequeno acervo de livro, com dicionário para ser consultado em dúvidas de vocabulário; revistas, folhetos e jornais é uma excelente maneira de promover a leitura. O hábito de manusear materiais de leitura é importante para despertar o interesse de ler. Leve para a sala materiais sobre os assuntos que interessam às pessoas do grupo. Defina alguns momentos para a livre apreciação de materiais. Convide o grupo a levar os materiais para casa e na volta contar como foi a experiência: dedicou algum tempo à leitura, como foi a compreensão, alguém da família se interessou também?

Pendure as produções do grupo, registradas em papel pardo, cartolina ou outras folhas grandes, em um mural ou nas paredes da sala.

Se tiver um computador ou outros dispositivos digitais, deixe-os ligados, utilize-os nas atividades da aula sempre que possível e reserve tempo para que os alfabetizandos possam usá-los livremente.

O planejamento dos encontros

Para planejar as aulas e atender as necessidades de cada estudante, é importante fazer um diagnóstico inicial de cada sujeito e, conseqüentemente, de todo o grupo: quem escreve o próprio nome, que letras usa para escrever, se estabelece relação entre som e letra, se consegue ler algumas palavras, que números conhece, se conhece as operações matemáticas. Esse diagnóstico pode ser feito antes do início das aulas ou nos primeiros encontros do grupo em uma pequena entrevista individual em que se pede ao estudante que diga o que sabe, escreva algumas palavras, leia um pequeno texto, escreva números, resolva operações matemáticas. Pelo diagnóstico inicial, é possível estabelecer metas e objetivos com os alfabetizandos e avaliar individualmente os avanços.

Além do diagnóstico, a entrevista inicial pode ajudar a conhecer com mais detalhes quem são e do que gostam os alfabetizandos: onde nasceram, no que trabalham, com quem moram, o que gostam de fazer nos momentos de lazer, quais são as expectativas em relação ao grupo.

Com base nas informações obtidas, pode-se escolher determinados textos e atividades, eleger o que merece mais atenção e foco durante as aulas. Em vez de

se guiar somente pela proposta do livro didático, pode-se planejar a ordem dos conteúdos a trabalhar, inserir novos materiais, planejar projetos e atividades.

É sempre importante valorizar os conhecimentos que os alfabetizandos já trazem para o grupo e trabalhar os conteúdos a partir desses conhecimentos. Muitas vezes, as pessoas nem têm consciência de todo o saber que acumularam pela vida. Trazer essa consciência é importante para a aprendizagem e para a valorização e autoestima dos educandos.

Valorize sempre as tentativas de diálogo e de escrita espontâneas. Convide a turma a trazer discussões para o grupo, seja de acontecimentos atuais ou temas relevantes para a comunidade. Quando alguém trouxer textos espontâneos, valorize, auxilie na correção e sugira que os textos sejam trocados entre os colegas.

No processo de ensino-aprendizagem, as propostas do educador precisam ser sempre intencionais, é necessário olhar para o que queremos para planejar como chegar lá. A intencionalidade é uma marca importante na aprendizagem formal e escolar. Por mais que se aprenda o tempo todo, nos variados espaços por onde circulamos, a escola ou a sala de alfabetização são espaços privilegiados de aprendizagem por conta da intenção de educadores e educandos no ensino-aprendizagem.

A rotina do grupo

Como o planejamento das aulas é papel do educador, o poder de conhecer e interferir na rotina do grupo acaba sendo só dele. Mas compartilhar, a cada encontro, o que foi planejado para aquele dia permite que o grupo faça sugestões e intervenções interessantes para o bom andamento da aula.

Compartilhar as decisões, além de informar, mobiliza a participação dos educandos, além de diminuir a ansiedade sobre o que vai acontecer no dia.

A cada encontro, é interessante compartilhar em um canto da lousa ou em um cartaz o que será feito. As pessoas vão se apropriando dos ritos escolares, conhecendo a escrita de mais palavras e se sentindo cada vez mais seguras no ambiente.

Sugerimos começar cada encontro com o compartilhamento da rotina. Depois, pode-se fazer a chamada em voz alta, percebendo quem foi e quem não foi.

Os crachás podem ser distribuídos neste momento nos primeiros encontros, até que todas as pessoas se conheçam pelo nome.

A evasão é um problema grave na educação de jovens e adultos, mas é possível tomar algumas atitudes para preveni-la. Depois da chamada, por exemplo, peça a cada pessoa do grupo que se responsabilize por procurar um colega que faltou para saber o que aconteceu, conversar um pouco sobre o que foi realizado no encontro e ajudar a pessoa a desenvolver as atividades do dia. Isso pode acontecer por telefone ou em visitas presenciais. Tanto a pessoa que assume a responsabilidade de procurar o colega quanto a pessoa que faltou e percebeu a preocupação do colega estreitam vínculo com o grupo, motivando o empenho para frequentar os encontros e realizar as atividades.

Insira na rotina momentos de conversa sobre o cotidiano, tempo para a leitura silenciosa, a resolução, a revisão e a correção de exercícios.

O registro do percurso

Escrever, tirar fotos ou fazer pequenos vídeos ajuda a memória e facilita acompanhar o andamento do grupo, as avaliações e os planejamentos futuros.

Tais registros são úteis para cada educador, para grupos de alfabetizadores e para compartilhar pela internet com outros educadores, ensinando e aprendendo boas práticas e pontos a melhorar.

O clima entre as pessoas

É essencial que as pessoas se sintam acolhidas e seguras para que exponham suas dúvidas e inseguranças. No processo de alfabetização, são muitas as dificuldades e os desafios a serem enfrentados. O apoio do educador e do grupo são essenciais. Para tanto, um clima de solidariedade e colaboração precisa ser construído e mantido.

A proposta de troca de telefones no primeiro capítulo convida a um vínculo extra sala de aula. Trabalhos e atividades em grupo incentivam a aprendizagem entre pares e a formação de vínculos no grupo.

Quando aparecerem diferenças de opiniões, sempre chame a atenção para a importância de as pessoas pensarem diferente e a necessidade de respeito mútuo. Apesar da discordância em temas polêmicos, é preciso e necessário saber ouvir e valorizar as opiniões e cultivar uma boa relação entre todas as pessoas.

Apesar dos grupos de alfabetização de adultos serem bastante heterogêneos, a formação de uma identidade de grupo é possível graças ao que as pessoas têm em comum: todas procurar um grupo de alfabetização para aprender ou aprimorar a leitura, a escrita e a matemática.

Além da aprendizagem, a socialização é outro fator relevante nos grupos de alfabetização, especialmente para pessoas mais velhas. É comum que mulheres idosas, depois de ficarem viúvas, procurem a sala de aula como espaço para o encontro com outras pessoas e o exercício da interação social.

Todas as pessoas do grupo podem conhecer valores, expectativas e hábitos de lazer dos outros, trocando referências e construindo experiências e conhecimentos no grupo.

A realização de projetos

A maior parte das aprendizagens aqui apontadas pode ser construída pela realização de projetos. Quando se define um projeto coletivo, é preciso pesquisar, planejar, estimar, decidir, ser criativo, comunicar-se e colaborar com os colegas enquanto os conteúdos da língua e da matemática são assimilados.

Tente identificar que projetos fariam sentido em sua comunidade e em seu grupo de alfabetização e então convide os alfabetizandos para a realização de projetos com resultados concretos significativos para cada um deles, para o grupo todo e para a comunidade.

Os processos de avaliação

Não precisamos completar todo um ciclo de quatro, oito ou dez meses para chegar à conclusão de que se aprendeu muito pouco ou identificar pontos a melhorar. O educador pode, durante todo o processo de alfabetização, analisar os progressos e as dificuldades de cada alfabetizando. E os próprios alfabetizandos podem aprender a avaliar o que estão aprendendo e a que precisam dedicar mais

atenção.

Para tanto, sugerimos que os alfabetizandos conheçam as expectativas de aprendizagem da etapa de alfabetização desde o início das aulas. Mesmo sem a orientação do alfabetizador, cada um pode acompanhar sua aprendizagem quando quiser. A sugestão aqui é que o alfabetizador convide todo o grupo para uma avaliação a cada três capítulos do livro. Nesse momento, o alfabetizador realizará avaliação oral ou escrita de cada estudante, cada alfabetizando pode fazer sua própria autoavaliação e depois, alfabetizando e alfabetizador podem sentar juntos para comparar as avaliações e planejar a continuidade dos estudos, tentando dar mais atenção às competências menos desenvolvidas.

Conforme publicação do Programa Brasil Alfabetizado, seguem abaixo 32 descritores das aprendizagens esperadas neste nível de ensino: 16 para Letramento e Alfabetização Linguística, 16 para a Alfabetização Matemática.

Para cada descritor, deve-se assinalar em que pé está a aprendizagem:

- nível 1: competência ainda não desenvolvida
-
- nível 2: competência em desenvolvimento
- nível 3: competência desenvolvida

O que for avaliado como nível 1 é o que merece mais atenção; o que for avaliado como nível 3 já foi aprendido.

Em termos práticos, cada estudante pode monitorar em que nível está para cada um dos descritores desde o início das aulas e, a cada três capítulos, o alfabetizador vai fazer uma avaliação.

Seguem abaixo todos os descritores que podem ser utilizados como um diagnóstico inicial. As expectativas gerais de aprendizagem podem ser copiadas e entregues a cada alfabetizando como um convite à autoavaliação constante. Depois, os descritores estão divididos em 3 fichas de avaliação, uma a cada três capítulos, conforme abaixo. Cabe ao alfabetizador a decisão de compartilhar as fichas com o convite à autoavaliação.

DIAGNÓSTICO INICIAL			
Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Identificar as letras do alfabeto.			
Conhecer as direções da escrita.			
Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.			
Identificar, ao ouvir uma palavra, o número de sílabas.			
Identificar sons, sílabas e outras unidades sonoras.			
Distinguir, como leitor, diferentes tipos de letra.			
Demonstrar conhecimentos sobre a escrita do próprio nome.			
Escrever palavras ditadas, demonstrando conhecer o princípio alfabético.			

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Ler palavras.			
Ler em voz alta uma sentença ou um texto.			
Formular hipótese sobre o conteúdo de um texto.			
Identificar a finalidade ou o gênero de diferentes textos e suportes.			
Ler palavras silenciosamente, processando seu significado.			
Localizar uma informação explícita em uma sentença ou em um texto.			
Inferir uma informação.			
Identificar assunto/tema.			
Realizar contagens de pequenas quantidades.			
Realizar contagens de quantidades maiores.			
Realizar contagem de quantias em dinheiro com cédulas e moedas.			
Associar o algarismo ao seu nome.			
Ler números naturais de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Ler números decimais que expressam valor monetário.			
Escrever números de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Comparar números naturais (escritos no sistema de numeração decimal).			
Comparar números decimais que expressam valor monetário.			
Resolver problemas envolvendo adição ou subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta aproximada.			
Resolver problemas envolvendo adição de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver problemas envolvendo uma subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver, por qualquer método, problemas envolvendo uma multiplicação, com a ideia de adição repetida, e em que o multiplicador é um número natural menor do que 10.			

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Resolver, por qualquer método, problemas envolvendo uma divisão com a ideia de partilha, em que o divisor é um número natural menor do que 10.			
Resolver problemas envolvendo a adição de produtos de números naturais (menores do que 10) ou de número natural (menor do que 10) vezes um número decimal representando quantias em dinheiro.			
Resolver problemas envolvendo uma sucessão de operações de adição e subtração.			

Avaliação de aprendizagens: Primeiro Encontro ao Capítulo 3			
Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Identificar as letras do alfabeto.			
Conhecer as direções da escrita.			
Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.			
Identificar, ao ouvir uma palavra, o número de sílabas.			
Identificar sons, sílabas e outras unidades sonoras.			
Demonstrar conhecimentos sobre a escrita do próprio nome.			
Localizar uma informação explícita em uma sentença ou em um texto.			
Realizar contagens de pequenas quantidades.			
Realizar contagens de quantidades maiores.			
Associar o algarismo ao seu nome.			
Ler números naturais de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Ler números decimais que expressam valor monetário.			
Escrever números de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Comparar números naturais (escritos no sistema de numeração decimal).			
Anotações:			

Avaliação de aprendizagens: capítulo 4 ao capítulo 6

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Identificar as letras do alfabeto.			
Conhecer as direções da escrita.			
Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.			
Identificar, ao ouvir uma palavra, o número de sílabas.			
Identificar sons, sílabas e outras unidades sonoras.			
Demonstrar conhecimentos sobre a escrita do próprio nome.			
Escrever palavras ditadas, demonstrando conhecer o princípio alfabético.			
Ler palavras.			
Ler em voz alta uma sentença ou um texto.			
Formular hipótese sobre o conteúdo de um texto.			
Localizar uma informação explícita em uma sentença ou em um texto.			
Realizar contagens de pequenas quantidades.			
Realizar contagens de quantidades maiores.			
Realizar contagem de quantias em dinheiro com cédulas e moedas.			
Associar o algarismo ao seu nome.			
Ler números naturais de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Ler números decimais que expressam valor monetário.			
Escrever números de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Comparar números naturais (escritos no sistema de numeração decimal).			
Comparar números decimais que expressam valor monetário.			
Resolver problemas envolvendo adição ou subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta aproximada.			

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Resolver problemas envolvendo adição de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver problemas envolvendo uma subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver, por qualquer método, problemas envolvendo uma multiplicação, com a ideia de adição repetida, e em que o multiplicador é um número natural menor do que 10.			
Resolver problemas envolvendo a adição de produtos de números naturais (menores do que 10) ou de número natural (menor do que 10) vezes um número decimal representando quantias em dinheiro.			
Resolver problemas envolvendo uma sucessão de operações de adição e subtração.			
Anotações:			

Avaliação de aprendizagens: capítulo 7 ao capítulo 9			
Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Identificar as letras do alfabeto.			
Conhecer as direções da escrita.			
Diferenciar letras de outros sinais gráficos, como os números, sinais de pontuação ou de outros sistemas de representação.			
Identificar, ao ouvir uma palavra, o número de sílabas.			
Identificar sons, sílabas e outras unidades sonoras.			
Distinguir, como leitor, diferentes tipos de letra.			
Demonstrar conhecimentos sobre a escrita do próprio nome.			
Escrever palavras ditadas, demonstrando conhecer o princípio alfabético.			
Ler palavras.			

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Ler em voz alta uma sentença ou um texto.			
Formular hipótese sobre o conteúdo de um texto.			
Identificar a finalidade ou o gênero de diferentes textos e suportes.			
Ler palavras silenciosamente, processando seu significado.			
Localizar uma informação explícita em uma sentença ou em um texto.			
Inferir uma informação.			
Identificar assunto/tema.			
Realizar contagens de pequenas quantidades.			
Realizar contagens de quantidades maiores.			
Realizar contagem de quantias em dinheiro com cédulas e moedas.			
Associar o algarismo ao seu nome.			
Ler números naturais de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Ler números decimais que expressam valor monetário.			
Escrever números de 2, 3 ou 4 algarismos.			
Comparar números naturais (escritos no sistema de numeração decimal).			
Comparar números decimais que expressam valor monetário.			
Resolver problemas envolvendo adição ou subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta aproximada.			
Resolver problemas envolvendo adição de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver problemas envolvendo uma subtração de números naturais ou de quantias em dinheiro por qualquer método, para a produção de uma resposta exata.			
Resolver, por qualquer método, problemas envolvendo uma multiplicação, com a ideia de adição repetida, e em que o multiplicador é um número natural menor do que 10.			

Competências	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Resolver, por qualquer método, problemas envolvendo uma divisão com a ideia de partilha, em que o divisor é um número natural menor do que 10.			
Resolver problemas envolvendo a adição de produtos de números naturais (menores do que 10) ou de número natural (menor do que 10) vezes um número decimal representando quantias em dinheiro.			
Resolver problemas envolvendo uma sucessão de operações de adição e subtração.			
Anotações:			

Orientações didáticas capítulo a capítulo

Primeiro Encontro: NOSSO GRUPO

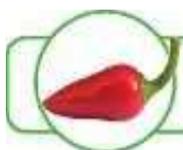
(página 8)



A formação de vínculo no grupo e a definição colaborativa de regras para um bom convívio em sala de aula são os principais objetivos deste início.

Seguem explicações detalhadas de cada uma das propostas:

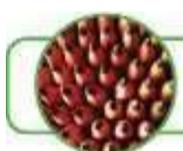
Antes mesmo de abrir os livros, convide cada um do grupo a se apresentar falando o próprio nome, a idade e a profissão. Enquanto isso, escreva na lousa cada um dos nomes em letra bastão sob o título “NOSSO GRUPO”.



ESQUENTA

(página 9)

Convidar o grupo a compartilhar as experiências escolares anteriores, com o que aconteceu de bom e de ruim, é o ponto de partida para alinhar expectativas para o futuro. Com base nas experiências do passado, fica o convite para que cada pessoa coloque seus objetivos pessoais para procurar a alfabetização durante a juventude ou a idade adulta e tornar claras suas expectativas.



ATIVIDADE

(página 9)

Antes de convidar o grupo a produzir o próprio crachá, volte à lista dos nomes da lousa. Mostre para todo o grupo a grafia de cada um dos nomes. Depois, convide a turma a preencher a página do crachá no final do livro com o primeiro nome. Ao final da aula, recolha os crachás e traga-os em cada encontro. Distribua-os no início de cada aula, no momento da chamada, até que todo o grupo se conheça pelo nome.



TEXTO

(página 10)

A letra de Luiz Fidélis, tocada pelo grupo de forró eletrônico Mastruz com Leite, descreve uma experiência escolar que muitos tivemos: a merenda, o sino, a tabuada. A partir dessa memória afetiva, que muitos dos alfabetizados que frequentaram a escola também carregam, o autor problematiza as aprendizagens escolares com o que se aprende no mundo. Os versos “Menino eu te asseguro / Do outro lado do muro / A escola é bem maior” explicitam tudo o que se aprende fora da escola. Durante a conversa posterior à música, chame a atenção dos alfabetizados para o fato de que “a escola do mundo” foi frequentada por eles, por isso, o conhecimento que acumularam é tão valioso quanto o que se aprende na escola.



CONVERSA (página 12)

As observações em magenta, impressas ao lado do título da seção, esclarecem boa parte das perguntas enumeradas na proposta.

A última pergunta, sobre o significado de ser analfabeto, não está atrelada à letra da música, mas ao que cada um pensa sobre o analfabetismo. Quanto mais confortáveis as pessoas estiverem, mais elas vão falar sobre os estigmas e preconceitos que acompanham a palavra. Convide cada um a expor o que pensa em relação ao analfabetismo e a compartilhar reflexões e experiências vividas por conta dessa condição. Ressalte que o analfabetismo é uma condição que pode ser superada e que cada um deles pode sair dessa condição ao longo do processo que acabam de iniciar. As pessoas analfabetas que não querem ou não podem aprender a escrever na juventude ou na idade adulta vivem uma situação de exclusão do fluxo de informações de nossa cultura letrada, e merecem nosso respeito e solidariedade.



PRODUÇÃO (página 12)

Definir regras básicas de convívio de maneira coletiva compromete todo o grupo com seu cumprimento. Além disso, faz parte do processo de letramento compreender a construção democrática e o respeito a leis que protegem e beneficiam o coletivo. Seja um mediador da conversa, garantindo tempo de fala para todas as pessoas que quiserem se expor. Se existir divergência de opiniões, conduza o grupo ao debate respeitoso e saudável até que se chegue a um consenso das regras a serem escritas e respeitadas por todos.

Pendure o cartaz com as regras em um lugar de destaque e recorra a elas sempre que for necessário. Se, ao longo do período de alfabetização, o grupo sentir a necessidade de alterar alguma regra, isso deve ser feito com debate e consentimento de todos.



HISTÓRIA DE VIDA (página 13)

Paulo Freire é a principal referência no Brasil quando se fala da alfabetização de pessoas adultas. A maior parte das teorias, métodos e experiências contemporâneas de alfabetização utiliza as concepções de Paulo Freire. É importante que cada educando conheça um pouco quem foi esse educador que exerce tanta influência no processo que estão vivenciando.



ATIVIDADE (página 13)

A proposta é copiar a frase de Paulo Freire, mesmo sem compreender exatamente sua decodificação. Paralelamente, deve ocorrer a interpretação oral do significado dela, conforme a orientação que acompanha a proposta.

Capítulo 1: QUEM SOMOS

(página 14)

CAPÍTULO 1

QUEM SOMOS

MEU ESPAÇO

TEMAS:

- LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO:**
 - ENTREVISTA
 - LETRA
 - DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO
 - NOME PRÓPRIO
 - ALFABETO
 - VOGAIS E CONSOANTES
 - RECONHECIMENTO SONORO DE PALAVRAS
 - AGÊNCIA DE TELEFONES
- ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA:**
 - NÚMEROS NO COTIDIANO
 - CONTAGEM
 - CLASSIFICAÇÃO NUMÉRICA MAIOR E MENOR
 - AGÊNCIA DE TELEFONES

ESQUENTA

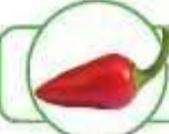
- ENTREVISTE UM COLEGA E SEJA ENTREVISTADO POR ELE. SUGESTÕES DE ASSUNTOS PARA AS PERGUNTAS:
- LOCAL DE NASCIMENTO E CIDADES ONDE JÁ VIVEU;
- PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO;
- O QUE GOSTA DE FAZER NOS MOMENTOS DE LAZER;
- O QUE GOSTA DE COMER;
- SONHOS PARA O FUTURO;
- CONTE PARA O GRUPO O QUE VOCÊ DESCOBRIU SOBRE O COLEGA.

LÍZIA NASCIMENTO CARVALHO E FAMILIARES, PALÁCIO DO PLANALTO, BRÁSILIA, 2010

14

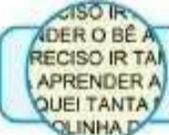
15

Neste capítulo, o alfabeto, destacando vogais e consoantes, e os números são apresentados de maneira organizada e sistematizada. Muitos estudantes já chegam ao grupo de alfabetização escrevendo o próprio nome e reconhecendo algumas letras. Alguns também conseguem ler determinadas palavras, mais pelo desenho que elas formam que pela decodificação de sílabas ou letras.



ESQUENTA (página 15)

Convide os alfabetizandos a sentarem em duplas e fazerem algumas perguntas uns aos outros. Eles podem guardar as informações na cabeça, anotar ou desenhar algumas coisas que os façam lembrar das respostas. As respostas sobre as perguntas descrevem um pouco mais quem são as pessoas. Depois da entrevista, um colega deve apresentar o outro para todo o grupo. Caso o número de alfabetizandos seja ímpar, você também pode ser um entrevistado e entrevistador, participando da atividade.



TEXTO 1 (página 16)

A crônica da jornalista e escritora gaúcha Martha Medeiros propõe a definição de quem somos ao listar diversas palavras. No início do texto, ela explica: “A gente é o que a gente gosta. A gente é nossa comida preferida, os filmes que a gente curte, os amigos que escolhemos, as roupas que a gente veste, a estação do ano preferida, nosso esporte, as cidades que nos encantam.”. E a partir daí vai listar essas preferências, definindo quem ela é.

Leia todo o texto de uma vez para a turma. Proponha uma segunda leitura com pausas para a interpretação. No texto de cor magenta explicamos alguns nomes que possam ser desconhecidos para o educador. Compartilhe as informações com os alfabetizandos.



ATIVIDADES (página 18)

A partir de uma terceira leitura pausada, convide os alunos a irem pulando de palavra em palavra conforme sua leitura para que possam circular as palavras que também representam do que eles gostam. O objetivo aqui é iniciar uma identificação visual das palavras, em uma leitura não decodificada por sílabas ou letras. Depois da leitura, pergunte quais palavras o grupo circulou. É provável que eles utilizem mais a memória como recurso para responderem que a leitura do que circularam, mas não há problema. Registre em um papel grande, em letra bastão, a lista de palavras que a turma for falando sob o título “QUEM SOMOS”. Depois das palavras da crônica de Martha, convide o grupo a listar outras que definam quem são. Pendure o cartaz na sala.



TEXTO 2 (página 19)

Pergunte ao grupo que documento é mostrado na fotografia. É provável que eles saibam que se trata do RG ou carteira de identidade. Pergunte também se eles conhecem a dona do RG e incentive a relacionarem a fotografia do documento às fotos da página 14.



CONVERSA (página 19)

Em círculo, proponha que a turma converse sobre os documentos de identificação e o próprio nome. Além do RG, a carteira de trabalho, o passaporte, a carteira de habilitação e as carteiras de identidade profissional, como CREA, OAB ou CRM, são documentos de identificação.



ATIVIDADES (página 20)

A intenção é que as pessoas consigam localizar as informações no documento e que as copiem no campo correto.



ESTUDO DA LÍNGUA

(página 21)

Parte dos conhecimentos prévios trazidos pelo grupo sobre o que é o alfabeto e quais letras o formam. Uma das possibilidades é pedir às pessoas que falem algumas letras aleatoriamente e você vai anotando na lousa, em letra bastão, mostrando para o grupo o nome da letra e os movimentos que faz para desenhar cada uma delas. Depois, identifique entre as letras apontadas pelo grupo quais são vogais e quais são consoantes. Então, peça que todos abram os livros e leiam cada letra. Assim, é possível organizar e sistematizar um conhecimento que estava disperso.



ATIVIDADES

(página 21)

Depois de copiar as vogais e consoantes do nome Luzia, convide o grupo a identificar as vogais e as consoantes do próprio nome. Tome alguns nomes das pessoas da turma como exemplos para separar vogais e consoantes.

Para treinar bastante o desenho da letra bastão, identificando e treinando as formas que compõem cada letra, reserve tempo para os alfabetizandos completarem as páginas 177 a 181. Estimule os alunos que conhecem mais as letras a auxiliarem aqueles que têm mais dificuldades. Repare na maneira como cada alfabetizando segura o lápis e dê sugestões para que eles segurem de maneira mais eficiente. Recorra à lousa sempre que perceber alguém com dificuldade em compor uma letra: mostre devagar os movimentos que você faz com a mão e a direção da escrita.

Quando as letras estiverem completas, explique para a turma que elas formam letras móveis. Peça que colem uma cartolina ou um papel duro atrás das folhas com as letras e as recortem. Solicite que guardem as letras móveis em um saco para que elas não se percam. Explique que eles sempre podem recorrer às letras móveis para formar palavras antes de desenhá-las no livro ou no caderno. Esta atividade pode durar um ou mais encontros, assim como a atividade seguinte.

Pergunte ao grupo quem sabe o que é uma agenda de telefones e para que ela serve. Proponha que o grupo forme o nome de todos os colegas com as letras móveis e depois copiem esses nomes nas páginas 183 e 184. Em outra atividade, eles serão convidados a escrever os números de telefone. As informações serão úteis para combinar atividades em grupo, para avisar algum colega se precisar faltar, para perguntar o motivo de alguém ter faltado etc.

Mesmo sem explicar neste momento o ordenamento alfabético, escreva os nomes um a um, por ordem alfabética, em letra bastão. Incentive que quem terminar um nome primeiro ajude o colega. Espere que todos tenham conseguido formar e escrever um nome até avançar para o próximo.



ESTUDO DA MATEMÁTICA

(página 23)

Assim como o alfabeto, muitas pessoas que chegam à turma de alfabetização conhecem os números. Pergunte números conhecidos e os escreva aleatoriamente na lousa. Explique, conforme a página 23 do livro do aluno, para que servem os números e como eles podem ser representados.



CONVERSA

(página 24)

Além de perceber os usos cotidianos dos números, a conversa permite mapear o que a turma pensa sobre a Matemática e quais preferências, medos ou anseios podem existir.



ATIVIDADES

(páginas 24 e 25)

Identificar os números no RG apresentado no livro e no próprio RG e reproduzir alguns números presentes no dia a dia de cada um são os objetivos na página 24.

Já na página 25, assim como foi feito com as letras móveis no alfabeto, a ideia é preencher o quadro de números treinando o desenho de cada um repetidas ve-

zes. Mostre na lousa a lógica das dezenas e da formação de novos números com a combinação dos algarismos. Pausadamente, desenhe cada número mostrando os movimentos que você faz com a mão. Reserve tempo para que todos consigam copiar os números e estimule os que têm mais facilidade a ajudar os outros.

$1 + 1 = 2$
 $2 - 1 = 1$

CÁLCULO (página 26)

O objetivo é que os alfabetizados contem e consigam representar em algarismos os números que contaram.



ATIVIDADE (página 26)

Para que o grupo complete a lista telefônica iniciada com o nome dos colegas, pergunte a cada um seu telefone e escreva os números na lousa, dando tempo para que todos copiem no livro, ao lado do nome do dono do telefone. Se a atividade for simples para alguns, convide esses alunos para a lousa, para mostrar os números aos demais.



HISTÓRIA DE VIDA (página 27)

A história de Luzia, migrante, que estudou na EJA e hoje está na faculdade pode inspirar muitos alfabetizados a acreditarem que é possível aprender, continuar estudando após essa etapa e construir a profissão que desejarem.



ATIVIDADE (página 28)

Ajude o grupo a identificar partes do texto que respondem às perguntas e peça que copiem os trechos nos locais indicados.



PRODUÇÃO

(página 28)

Assim como na sala de aula foi criada uma lista de palavras com as preferências das pessoas do grupo, peça a cada alfabetizando que construa uma lista com sua família. É possível pedir ajuda aos parentes ou amigos alfabetizados, mas é necessário escrever ou copiar no livro com a própria letra. No encontro seguinte, a alfabetizadora pode auxiliar cada um na apresentação da lista.



MUNDO DIGITAL

(página 29)

Como foi dito anteriormente, você pode optar por deixar essa seção para o trabalho individual fora da sala de aula.

Se quiser utilizá-lo nas aulas, parta do uso que os educandos dizem fazer dos dispositivos tecnológicos e da internet. Incentive que falem o que compreendem por “mundo digital”.

Leia o conteúdo apresentado e ajude o grupo na interpretação do que foi lido. Convide-os a mapear os locais públicos de acesso da comunidade.

Vocês podem produzir cartazes para colocar na sala com o nome, o endereço e o preço da hora do acesso nas *lan houses* e o nome e o endereço dos telecentros disponíveis ao grupo.

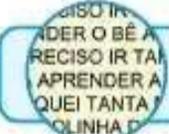
Capítulo 2: TODAS PODEMOS, TODOS PODEMOS!

(página 30)

O trabalho com gênero linguístico (masculino e feminino) é uma boa oportunidade para tratar da questão social de gênero: desigualdades entre homens e mulheres, pessoas transexuais e travestis. A começar pelo título, o capítulo subsidia a discussão por uma concepção mais igualitária de sociedade para pessoas de qualquer gênero.

Para aprofundar-se na teoria, recomendamos o livro **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**, de Helena Hirata, Editora Boitempo.

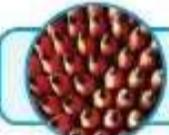
Para textos curtos, imagens e vídeos, há o *blog* da **Marcha Mundial das Mulheres**: <http://marchamulheres.wordpress.com/>



TEXTO 1 (página 32)

O cartaz sobre “nome social” é uma oportunidade para que estudantes transgêneros escolham os nomes como preferem ser chamados e convida todos a respeitarem diversas identidades.

É importantíssimo reafirmar a diversidade como valor no grupo e exigir o respeito a todas as pessoas. Se aparecerem brincadeiras ou comentários preconceituosos em relação ao cartaz, não ignore, traga a conversa para o grupo todo. Compare com o preconceito em relação às pessoas analfabetas, às pessoas mais pobres, a quem nasceu em determinadas regiões. Nenhum desses preconceitos pode ser aceito ou reproduzido pelo grupo. E na discussão franca está o caminho para o diálogo e a construção democrática.

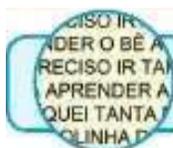


ATIVIDADES (página 33)

O objetivo é continuar a identificar palavras no texto, tanto na cópia da palavra nome e do nome da conselheira quanto no caça-palavras. Além disso, começa a demanda por identificar algumas letras: a primeira e a última.

(página 35)

Identificar a última letra dos nomes ajuda a perceber algumas regularidades entre nomes masculinos terminados em **o** e nomes femininos terminado em **a**, e aponta as irregularidades de nomes terminados em consoantes ou outras vogais. Transformar nomes masculinos em femininos e vice-versa é interessante para exercitar a aprendizagem e fixar a grafia de palavras.



TEXTO 2 (página 36)

O cordel da lei Maria da Penha apresenta características da lei em uma linguagem agradável e acessível.

Você pode encontrar a lei completa em:

<www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>.

Acesso em: 4 maio 2013.

A Universidade Federal da Bahia mantém um observatório sobre a Lei Maria da Penha com o histórico da lei e diversas notícias sobre ela:

<www.observe.ufba.br/>. Acesso em: 4 maio 2013.



ATIVIDADES (página 38)

A letra da canção *Drão*, de Gilberto Gil, prova como as relações entre homens e mulheres podem ser respeitadas, não violentas e amorosas, mesmo depois do fim casamento; além de apresentar poeticamente as rimas de sons nasais.

Antes de completar a letra, pergunte ao grupo quem conhece a música. Você pode convidar a turma a ouvi-la procurando pelo nome em qualquer mecanismo de busca.

Capítulo 3: “O QUE HÁ NUM SIMPLES NOME?”

(página 46)

Este capítulo trata dos símbolos: escudos de futebol representando os times brasileiros; letras, sílabas e palavras como linguagem, representando o que queremos comunicar; mapas representando os espaços físicos.

A partir do que os alfabetizados já conhecem, vamos explicitar para eles o mundo das representações.

CAPÍTULO 3

"O QUE HÁ NUM SIMPLES NOME?"

O QUE HÁ NUM SIMPLES NOME? O QUE CHAMAMOS ROSA COM OUTRO NOME NÃO TERIA IGUAL PERFUME?

ROMÉU E JULIETA, WILLIAM SHAKESPEARE

ESQUENTA

- CONVERSE COM SEUS COLEGAS PARA RESPONDER.
- O QUE AS IMAGENS DA PÁGINA AO LADO REPRESENTAM?
- QUE OUTROS SIMBOLOS VOCÊS CONHECEM?
- PODEMOS AFIRMAR QUE AS LETRAS SÃO SIMBOLOS?
- COM BASE NO QUE FOI DITO ANTERIORMENTE, COMO É POSSÍVEL LER A FRASE DE WILLIAM SHAKESPEARE?
- SE VOCÊ TIVESSE OUTRO NOME, SERIA OUTRA PESSOA?

MEU ESPAÇO

Esta atividade é feita em grupo... (text continues in small font)

A pergunta que dá nome ao capítulo está na peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Julieta faz a pergunta a Romeu ao pedir que ele renegue o sobrenome, por conta do conflito entre as famílias dos dois. Observe o trecho:

Ato I
Cena II

JULIETA — Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

ROMEU — Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

JULIETA — Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa com outro nome não teria

igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

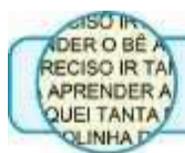
ROMEU — Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

JULIETA — Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?

ROMEU — Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

Você pode encontrar diversas edições impressas da obra. Ela também está disponível *on-line* pelo *link*: <www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/william-shakespeare/romeu-e-julieta-2.php>. Acesso em: 4 maio 2013.

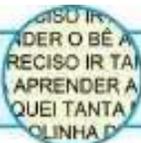
Além dos escudos de futebol, é possível mostrar outros símbolos para o grupo para subsidiar a conversa: placas de trânsito, pomba da paz, um v com os dedos etc.



TEXTO 1

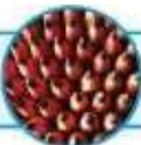
(página 48)

A utilização do poema de Fernando Pessoa é um grande passo na ampliação de repertório das pessoas jovens e adultas com pouca escolarização. Mesmo sem identificar precisamente todas as palavras, compreender a leitura que o professor faz do texto e ser convidado a viajar naquelas palavras com o colega, deixando os sentidos do texto extrapolarem as palavras escritas, pode ser transformador. Pode abrir uma porta para a interpretação literária e a magia da literatura.



TEXTO 2 (página 53)

A leitura de mapas e representações gráficas é uma aprendizagem relevante. A maior parte dos alfabetizados deve conhecer o mapa do Brasil e compreender a delimitação do País, os limites de cada Estado, a cor azul representando os oceanos. Fale de cada um desses elementos e chame a atenção para a marca das capitais. Antes de conduzir o grupo para a conversa, pergunte se as pessoas compreendem a seta com o N na parte debaixo do mapa. Explique que a marcação indica o Norte. Mostre a linha do Equador e o Trópico de Capricórnio.



ATIVIDADES (página 54)

Diga aos estudantes que eles podem localizar os nomes dos estados no mapa antes de copiá-los nas respostas. Explícite que este tipo de artifício sempre pode ser utilizado. Todas as pessoas, em algum momento, precisam recorrer a um dicionário ou a uma busca na internet para lembrar da grafia de determinada palavra. Consultar não é vergonha. Aproveite a oportunidade para conversar sobre cópia e plágio: copiar faz parte do processo de aprendizagem e criação, o importante é sempre atribuir a autoria de quem realizou a obra, e não se apropriar das criações de outros como se fossem suas, isso se chama plágio.



PRODUÇÃO (página 55)

Convide o grupo a publicar a poesia de alguma maneira: produzir um cartaz e colar em algum lugar da comunidade, tirar cópias e distribuir para amigos e familiares, decorar um ambiente da escola ou da instituição onde o grupo se reúne.



ATIVIDADES (página 57)

Caso alguém não saiba a própria altura, leve uma fita métrica e faça marcações na lousa para que as pessoas possam se medir e anotar a medida.

Para medir o comprimento em livros, oriente os alfabetizandos a trabalharem em duplas, um fica parado e o outro utiliza o comprimento do livro como unidade de medida, contando quantas medidas do livro são necessárias para alcançar o tamanho da pessoa.

Ao medir com a régua, chame a atenção do grupo para o fato de que estão medindo o mapa, a representação do lugar. Convide o grupo à reflexão: a medida em centímetros têm ligação com a medida real do território? Estimule o grupo a falar de proporção antes de ler o tema da conversa.



CONVERSA (página 58)

Retome a ideia de proporcionalidade para explicar o que é uma escala. Peça exemplos de outros desenhos e representações em que utilizamos escala (como plantas de imóveis).



CONVERSA (página 62)

A partir da divisão territorial proposta por Milton Santos, é possível discutir sobre as diferenças entre as regiões e abordar os fluxos migratórios. Dependendo do lugar onde estiverem, converse com os alfabetizandos sobre pessoas que saem do lugar em busca de melhores oportunidades ou pessoas que chegam ao lugar por conta das oportunidades que ele oferece.

Também é possível comparar este mapa com a divisão regional do mapa da página 53.



ATIVIDADES

(páginas 68 a 71)

O objetivo das atividades da página 68 é retomar a separação silábica praticada no capítulo anterior e perceber a regularidade da letra F nas palavras do ditado popular. Só com essa percepção é possível realizar as atividades da página 69, de reconhecimento de palavras iniciadas pela letra F, cópia das palavras e escrita de outras que comecem com a mesma letra.

Nas páginas 70 e 71, a letra V é apresentada e são propostos exercícios de emprego da letra V e exercícios de contraposição das sílabas formadas por F ou V já que, pela similaridade de sons, costumam causar confusão nessa etapa da aprendizagem.



ATIVIDADES

(página 76)

Independentemente da densidade e do peso de cada coisa, uma unidade de medida sempre representa a mesma quantidade. Assim, 1 kg de algodão pesa exatamente o mesmo que 1 kg de ferro.

Adição (páginas 77 e 78)

Os alfabetizandos da EJA costumam realizar a operação da adição em seu cotidiano sem perceber. A tarefa aqui é apresentar algo já conhecido pelos educandos como uma operação matemática que segue um padrão e tem inúmeras aplicações práticas.



PRODUÇÃO

(página 80)

Por mais que os alfabetizandos conheçam receitas, é provável que tenham dificuldade no registro escrito. Trabalhar em grupo permite que as pessoas com menos facilidade na escrita possam aprender com as que têm mais facilidade.

Você pode sugerir que uma só pessoa fique responsável por escrever a receita escolhida pelo grupo e que todas copiem depois. O importante aqui é experimentar escrever coletivamente algo que ainda não foi escrito por ninguém. A receita do grupo, com ingredientes e modo de preparo definidos pelo grupo, será escrita pela primeira vez. Antes de o grupo todo copiar, é possível pedir que releiam

a receita com atenção, analisando se tudo ficou compreensível, e que corrijam possíveis equívocos. Aplicar as unidades de medida de massa também é uma aprendizagem importante.

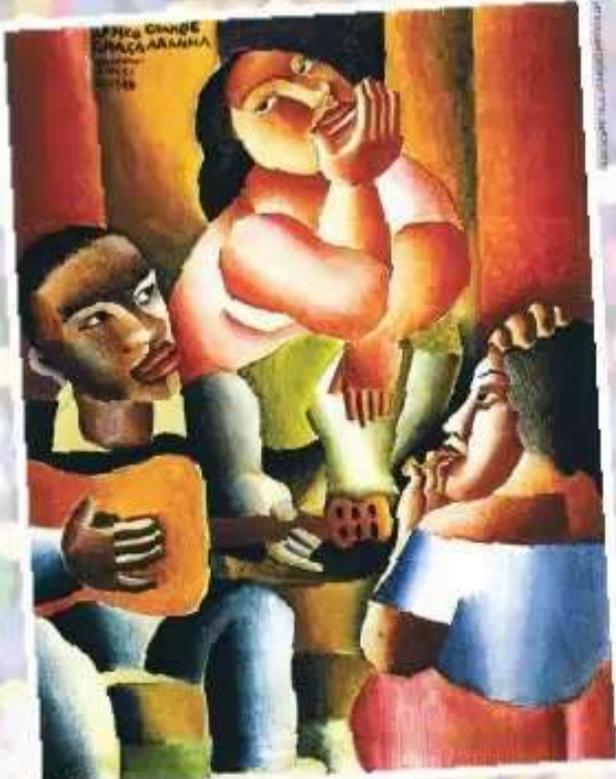
Uma sugestão de atividade interessante é realizar um encontro para a degustação dos pratos elaborados pelos alfabetizandos. Pode-se convidar os familiares e a comunidade do entorno. Antes de convidar as pessoas para provar determinado prato, o grupo responsável pela receita e pela produção da comida pode ler os ingredientes e o modo de preparo. Cartazes com as receitas podem ser espalhados pelo local da confraternização.

Capítulo 5: SAMBA

(página 82)

Capítulo 5

SAMBA



FOLIA DE SAMBA, DE EMÍLIO DI CAVALCANTI, 1929

TEMAS:

- LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO
 - ANÁLISE DE PINTURA
 - LETRAS DA MÚSICA
 - CULTURA AFRO-BRASILEIRA
 - LETRAS M. N. L.
- ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA
 - SISTEMA MONETÁRIO BRASILEIRO
 - SUBTRAÇÃO
 - RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

ESQUENTA

- LEIA O TÍTULO DO CAPÍTULO E OBSERVE A IMAGEM AO LADO. CONVERSE COM SEUS COLEGAS.
- O QUE VEM À MENTE AO LER E OUVIR A PALAVRA SAMBA?
- QUEM PINTOU O QUADRO AO LADO? EM QUE ANO? QUAL É O NOME DA OBRA?
- QUEM SÃO AS PERSONAGENS RETRATADAS NA PINTURA?
- QUE ELEMENTOS DO QUADRO TEM A VER COM O QUE VOCÊS PENSAM SOBRE O SAMBA?

MEU ESPAÇO

Responda às perguntas abaixo, com base no que você aprendeu sobre o samba e a cultura afro-brasileira. Você pode usar o que já sabe e o que aprendeu em sala de aula. Escreva suas respostas no espaço abaixo.

1. O que é o samba?

2. Quem são os personagens retratados na pintura?

3. O que você aprendeu sobre a cultura afro-brasileira?

4. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

5. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

6. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

7. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

8. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

9. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

10. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

11. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

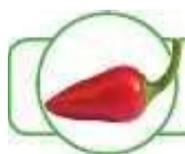
12. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

13. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

14. Como você acha que o samba mudou ao longo do tempo?

15. O que você acha que o samba representa para o Brasil?

82



ESQUENTA

(página 83)

A pintura de Di Cavalcanti merece especial atenção do alfabetizador e de todo o grupo. Além das perguntas registradas na seção, pode ser interessante dedicar-se um pouco a compreender o período histórico em que o pintor viveu e produziu sua obra.

No início do século XX, novas vanguardas artísticas se espalhavam pelo mundo com linguagens desprovidas de regras, mas no Brasil persistia a arte tradicional europeia. Com o objetivo de renovar o ambiente artístico e cultural da cidade, foi realizada a Semana de Arte Moderna de 1922, da qual Di Cavalcanti foi protagonista junto com os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a pintora Anita Malfatti, o músico Villa Lobos, entre outros. Mesmo antes da Semana, Di Cavalcanti tomou as belezas naturais e culturais do Brasil como tema de suas ilustrações e pinturas.

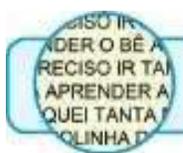
Para saber mais sobre a vida e a obra de Emiliano Di Cavalcanti, recomendamos o livro paradidático:

Coleção Mestres das Artes no Brasil: Emiliano Di Cavalcanti, de Dalila Luciana e Lígia Rego, Editora Moderna.

A minissérie *Um Só Coração*, produzida pela Rede Globo, apresenta o contexto da Semana de 22. O primeiro capítulo está disponível na Internet e pode ser assistido *on-line*:

<www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=YO-rofg-5SY>.

Acesso em: 4 maio 2013.



TEXTO 1

(página 84)

Noel Rosa foi um dos sambistas mais importantes do Brasil. Muito jovem, ele estudava Medicina e gostava da companhia de moradores de favelas, prostitutas e operários quando começou a compor sambas. Aos 26 anos, o artista morreu de

tuberculose, doença que o acompanhou por toda a vida. Para conhecer melhor sua intensa história de vida, recomendamos o filme **Noel: Poeta da Vila**, lançado no ano de 2006.



CONVERSA

(página 85)

Segue uma lista com os principais sambas de Noel.

Com Que Roupa? (Noel Rosa);

Feitiço da Vila (Noel Rosa);

Fita Amarela (Noel Rosa);

Gago Apaixonado (Noel Rosa);

João Ninguém (Noel Rosa);

Minha Viola (Noel Rosa);

Não Tem Tradução (Noel Rosa);

O x do Problema (Noel Rosa);

Pierrô Apaixonado (Noel Rosa e H. dos Prazeres);

Positivismo (Noel Rosa e Orestes Barbosa);

Pra Que Mentir (Noel Rosa e Vadico);

Três Apitos (Noel Rosa);

Último Desejo (Noel Rosa);

Você Só... Mente (Noel Rosa e Hélio Rosa).



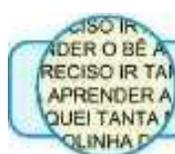
ATIVIDADES

(página 88)

Encontrar as palavras em letras embaralhadas é um exercício de leitura relevante e desafiador nessa fase da alfabetização. Dentre as letras embaralhadas, encontrar conjuntos de letras que fazem sentido não é simples para quem não tem o hábito de ler. Insista com o grupo que há 12 palavras a serem descobertas, incentive-os a não desistir da atividade. Sugira que as pessoas que encontrarem

as palavras mais rapidamente auxiliem as outras.

Na cópia das palavras é importante chamar a atenção do grupo para a posição das letras. Não se pode copiar qualquer palavra em qualquer lugar.



TEXTO 2 (página 89)

Para aprofundar-se no tema da cultura afro-brasileira, o livro **África e Brasil Africano**, de Marina de Mello e Souza, publicado pela Editora Ática, ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Didático e Paradidático. Ele apresenta informações valiosas sobre os principais grupos vindos para o Brasil, desde a história africana até o que aconteceu em nosso território.

O filme **As Filhas do Vento**, do diretor Zito Araújo, lançado em 2005, aborda o tema das origens africanas e do racismo no Brasil pela história de mulheres.

O trailer pode ser visto *on-line* pelo link:

<<http://mais.uol.com.br/view/a56q6zv70hwb/filhas-do-vento-040268D8B193A6?types=A&>>. Acesso em: 4 maio 2013.



ESTUDO DA MATEMÁTICA (página 91)

A música de Cartola e Noel traz a matemática financeira do cotidiano, falando do preço de temperos e das alternativas para lidar com ele.

Nas atividades das páginas seguintes, os alfabetizados devem estimar os preços dos itens citados na música e somar os valores, chegando a um orçamento.

Sistema Monetário Brasileiro (página 93)

Os alfabetizados da EJA costumam lidar com dinheiro todos os dias. Em vez de apresentar moedas e notas de real, a ideia é que pelo tamanho, cor e símbolos das notas e moedas eles escrevam o valor correspondente. Assim, ficam com o registro no livro de um saber que eles já têm.

Incentive que cada educando preencha os valores em seu livro e depois convide-os a ir para a lousa fazer a correção com toda a turma.

Subtração (páginas 94 e 95)

A maior parte dos alfabetizados está acostumada a fazer contas de subtração em seu dia a dia. Talvez não conheçam o nome da operação e os sinais

gráficos (–) e (=), mas a abstração de diminuir uma quantia de outra a maioria compreende e opera no dia a dia.

Na resolução de problemas da página 96, estimule o grupo a escrever todos os passos até chegar ao resultado.



PRODUÇÃO

(página 96)

Essa é uma ideia que pode ser realizada como atividade nesse capítulo ou começar a ser construída para o final do ano. Tudo vai depender da vontade e da disponibilidade do grupo para planejar e concretizar uma festa.



MUNDO DIGITAL

(página 99)

Se o grupo estiver trabalhando a seção mundo digital nas aulas, é possível criar um *blog* para a turma. Para tanto, pode-se navegar por alguns *blogs* para perceber a dinâmica das páginas (as publicações mais recentes aparecem em cima, as mais antigas embaixo). É preciso definir um nome para a página e criar uma conta em uma das plataformas sugeridas na página 99.

No *blog*, pode-se publicar todas as produções de texto do grupo, postar fotos da sala de alfabetização e o que mais o grupo julgar interessante.

Os *blogs* abaixo podem ser inspiradores para o grupo:

Blog da Redação do Planeta Sustentável, sobre sustentabilidade e preservação do meio ambiente:

<http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/blog-da-redacao/>

Blog da Marcha Mundial das Mulheres, já citado no capítulo 2, que trata das questões de gênero e da luta das mulheres por uma vida melhor:

<http://marchamulheres.wordpress.com/>

Blog da Associação Casa do Boneco, pela manutenção das culturas e saberes de matrizes africanas e para a elevação da autoestima da comunidade afrodescendente:

<http://casadoboneco.blogspot.com.br/>

Blog da Maria Frô, sobre ativismo, internet e análise de notícias:
<http://mariafro.com/>

Blog do escritor indígena Daniel Munduruku (cujas história de vida está registrada no capítulo 6):

<http://danielmunduruku.blogspot.com.br/>

Capítulo 6: QUEM É ÍNDIO NO BRASIL? (página 100)

CAPÍTULO 6

QUEM É ÍNDIO NO BRASIL?

MEU ESPAÇO

O capítulo aborda as origens e o papel do índio no Brasil, a diversidade étnica e cultural, a luta por direitos e a importância da preservação da cultura indígena. O texto também discute a importância da educação e da participação social dos indígenas na sociedade brasileira.

TEMAS

- LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO
- LENDA
- DEPENDÊNCIA
- ARTIGO CIENTÍFICO
- LÍNGUA ORAL E LÍNGUA ESCRITA
- CULTURA INDÍGENA
- LETRAS MAIÚSCULAS E LETRAS MINÚSCULAS
- FRASE
- LETRA H, CH, NH, LH

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

- MEDIDAS DE TEMPO
- TABELAS
- MULTIPLICAÇÃO

ESQUENTA

- OBSERVE AS IMAGENS AO LADO E CONVERSE COM SEUS COLEGAS.
- O QUE ESSAS IMAGENS TÊM EM COMUM?
- DE QUE MANEIRA A CULTURA INDÍGENA ESTÁ PRESENTE NO DIA A DIA DE VOCÊS?

100

101

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, estima-se que entre 2 e 4 milhões de pessoas viviam aqui, divididas em mais de mil povos. Hoje, os indígenas são, segundo o IBGE, cerca de 900 mil pessoas, de 238 povos diferentes.

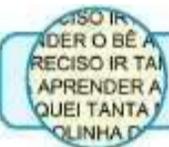
Segundo o Instituto Socioambiental, há seis reconhecimentos importantes a fazer ao falarmos dos povos indígenas:

- Nestas terras colonizadas por portugueses, onde viria a se formar um país chamado Brasil, já havia populações humanas que ocupavam territórios específicos.
- Não sabemos exatamente de onde vieram; dizemos que são “originárias” ou “nativas” porque estavam por aqui antes da ocupação europeia.
- Certos grupos de pessoas que vivem atualmente no território brasileiro estão historicamente vinculados a esses primeiros povos.
- Os índios que estão hoje no Brasil têm uma longa história, que começou a se diferenciar daquela da civilização ocidental ainda na chamada “pre-história” (com fluxos migratórios do “Velho Mundo” para a América ocorridos há dezenas de milhares de anos); a história “deles” voltou a se aproximar da “nossa” há cerca de, apenas, 500 anos (com a chegada dos portugueses).
- Como todo grupo humano, os povos indígenas têm culturas que resultam da história de relações que se dão entre os próprios homens e entre estes e o meio ambiente; uma história que, no seu caso, foi (e continua sendo) drasticamente alterada pela realidade da colonização.
- A divisão territorial em países (Brasil, Venezuela, Bolívia etc.) não coincide, necessariamente, com a ocupação indígena do espaço; em muitos casos, os povos que hoje vivem em uma região de fronteiras internacionais já ocupavam essa área antes da criação das divisões entre os países; é por isso que faz mais sentido dizer povos indígenas no Brasil do que do Brasil.

Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>.
Acesso em: 4 maio 2013.

Além das informações acima sobre os indígenas no Brasil de hoje, é importante ressaltar elementos das culturas e dos conhecimentos indígenas presentes

na cultura brasileira. Há influências determinantes na língua, no imaginário, na culinária, em hábitos cotidianos. Descansar em redes e andar descalço em casa são hábitos comuns em todo o país que herdamos dos indígenas assim como o costume de comer mandioca, polvilho, beiju; frutas como cupuaçu, graviola, caju, açaí. A utilização de plantas medicinais como o boldo, a catuava e a semente de sucupira; palavras como abacaxi, tatu e Anhangabau, por exemplo, compõem essa herança.



TEXTO 2

 (página 104)

É provável que o grupo perceba a diferença entre letras “grandes” e letras “pequenas”. Não é necessário explicitar a diferença entre maiúsculas e minúsculas neste momento. A não ser que alguém do grupo utilize essa denominação.



CONVERSA

 (página 104)

Os dois textos tratam da cultura indígena e trazem a temática da oralidade. O primeiro afirma que o conhecimento indígena é passado por mitos e histórias. O segundo afirma que os indígenas guardam tudo na memória e que os brancos têm a escrita.

Na pergunta sobre a possibilidade de acumular conhecimentos sem a escrita, você pode estimular o grupo a reconhecer tudo o que aprenderam e ensinaram ao longo da vida pela tradição oral. Perguntar sobre o trabalho de cada um, os cuidados com a casa, os filhos, os animais. Valorizar este acúmulo de saberes.

Sobre a importância da escrita, ajude o grupo a perceber que ela não é superior à tradição oral e que pode conviver bem com ela. A escrita permite ampliar possibilidades, como: organizar pensamentos por meio de registros; acessar conhecimentos e notícias do mundo todo; comunicar-se com as pessoas; sistematizar e guardar mais informações e ideias do que aquela que conseguimos memorizar; usufruir de direitos que se concretizam a partir da leitura e da escrita.

Por mais que a escrita – com o alfabeto, as sílabas, as palavras – registrem a fala, a oralidade e o registro escrito são diferentes. Pela maneira como falamos, as palavras poderiam ser escritas de diversas formas. Mas existe uma linguagem escrita padrão, que todas as pessoas utilizam. Se for necessário, retome tópicos do capítulo 3, onde aparecem as convenções e os símbolos que determinada cultura utiliza para a compreensão de todas as pessoas. A atividade a seguir, do uso da letra **h** no começo das palavras, é um bom exemplo de como a língua escrita tem suas próprias regras e nem sempre escrevemos como falamos.



ATIVIDADE (página 105)

Para formar as frases, ajude os alfabetizandos a perceberem que palavra começa com letra maiúscula, e por isso está no início da frase, e que palavra vem antes do ponto final. A partir dos marcadores para o início e o final da frase, fica mais simples organizar o miolo de cada sentença.



PRODUÇÃO (página 112)

Há diversas possibilidades de criação de um livro. Sugerimos aqui que se inicie por manusear muitos livros e perceber uma estrutura formal em todos eles:

- o nome do texto (título);
- o nome de quem escreveu (autor);
- o nome de quem desenhou (ilustrador);
- o nome da editora (que formatou aquelas páginas, ajudou o autor a escrever, o ilustrador a desenhar, mandou para a gráfica imprimir, conferiu se estava tudo certo e fez chegar às livrarias, bancas, escolas ou bibliotecas);
- o ISBN (*International Standard Book Number*, a identidade do livro, que lhe confere um registro único entre os outros);
- a ficha catalográfica (que serve pra ajudar a colocar o livro em ordem na biblioteca, de um jeito que se consiga encontrá-lo);

- alguns livros possuem um resumo, outros têm a história da vida do autor;
- a capa, a quarta capa (a parte de trás do livro), a orelha, a página de rosto (onde estão o nome do livro e do autor repetidos, o ISBN, a ficha catalográfica);

Depois de perceber estes elementos, o grupo pode se dividir entre quem vai:

- escrever a história;
- ilustrar a história;
- criar capa, quarta capa e página de rosto;
- contar como o livro foi feito (para a quarta página ou uma apresentação) e quem são seus autores.

O livro pode ser escrito e ilustrado a mão ou no computador. É possível encadernar as páginas costurando-as ou furando e colocando uma espiral. Se houver a possibilidade, pode ser interessante copiar um exemplar para cada pessoa do grupo.

Capítulo 7: “O CINTO DA MODA, O SINTO DA MODA”

(página 114)

Os objetos e os sentimentos que representam e compõem nossa identidade e o consumismo cada vez mais presente nos centros urbanos: sob essas duas perspectivas o tema da moda é abordado no capítulo. A partir daí, os princípios do consumo consciente são apresentados e o grupo é convidado a relacionar alguns desses princípios à moda. Além da comparação temática, os alfabetizados são estimulados a comparar textos de diferentes gêneros. Assim como as pessoas trocam de roupa nas variadas situações da vida, elas falam e escrevem de maneiras diferentes dependendo da situação. São abordadas, portanto, as variações linguísticas. A partir de situações cotidianas e da opinião dos alfabetizados sobre este livro, são propostas atividades de construção de gráficos.

CAPÍTULO 7

“O CINTO DA MODA, O SINTO DA MODA”

TEMA

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

- LÉTRA DE MÚSICA
- CONSONDO CONSCIENTE
- SITUAÇÕES LINGÜÍSTICAS
- LEVA Z, K, S
- PLURAL

ALFABETIZAÇÃO INTERTEXTUAL

- PORCENTAGEM
- GRÁFICOS

ESQUENTA

- OBSERVE AS IMAGENS AO LADO E CONVERSE COM SEUS COLEGAS.
- O QUE É MODA?
- O QUE VOCÊ LEVA EM CONSIDERAÇÃO AO ESCOLHER A ROUPA QUE VAI USAR?
- A MANEIRA COMO NOS VESTIMOS PODE INFLUENCIAR NA MANEIRA COMO SOMOS TRATADOS PELAS PESSOAS? O QUE VOCÊS ACHAM DISSO?

MEU ESPAÇO

114

115

O blog **Oficina de Estilo** há o *slogan*: “substitua o consumo por autoestima”. Nele é possível encontrar diversas informações e dicas de como se vestir para diferentes ocasiões, de uma perspectiva de valorização das pessoas em uma diversidade de tipos físicos, tons de pele, gostos, valorizando a diversidade e sem incentivar um padrão de consumo desenfreado:

<<http://oficinadeestilo.com.br/>>. Acesso em: 4 maio 2013.



CONVERSA

(página 119)

A grafia exata das palavras não é o principal objetivo a ser alcançado no grupo de alfabetização. Escrever de modo legível e claro, mesmo com inadequações ortográficas, é o que se espera dos alfabetizados da EJA. Na continuação da escolaridade, todas e todos poderão aprimorar a escrita, conhecer a norma urbana de prestígio, perceber e escrever com a ortografia correta.

Ainda assim “cinto” e “sinto” mostram que palavras com o mesmo som podem ter grafia diferente dependendo de seu significado.

Aqui é possível retomar alguns pontos do capítulo 3, quando tratamos dos símbolos “combinados” entre as pessoas.

De algum modo, a ortografia também é um “combinado” da língua. A grafia correta de determinada palavra é arbitrária já que foi definida com os usos e os acordos ortográficos.

Chame a atenção dos alfabetizando para o fato de que quanto mais eles lerem, mais irão incorporar com naturalidade a maneira como as palavras são escritas.

Capítulo 8: SOMOS LIVRES!

(página 134)

CAPÍTULO 8

SOMOS LIVRES!

QUILOMBOLAS NO LANÇAMENTO DA AGENDA SOCIAL QUILOMBOLA E DO PLANO NACIONAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL, NO PALÁCIO DO PLANALTO, EM BRASÍLIA, 2007

MOBILIARIZANDO A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO DOMINGOS, PARACATU, MINAS GERAIS, 2011

PREPARO DA FARINHA DE MANDIOCA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RACINZE, CACHOEIRA, BAHIA

TEMAS

- LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO
- CANTA
- COMUNIDADES QUILOMBOLAS
- ABOLICIONISMO E ESCRAVIDÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL
- TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO
- LETRAS C, Q, S
- LETRA CURSIVA

ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL

- DIVERSÃO

ESQUENTA

- OBSERVE AS IMAGENS AO LADO E CONVERSE COM SEUS COLEGAS.
- O QUE SÃO COMUNIDADES QUILOMBOLAS?
- VOCE JÁ OUVIU FALAR DE ALGUM QUILOMBO FAMOSO NO PERÍODO EM QUE A ESCRAVIDÃO ERA LEGAL NO BRASIL?

MEU ESPAÇO

Quando você lê uma palavra, você sabe qual o significado dela? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece?

Quando você lê uma palavra, você sabe qual o significado dela? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece?

Quando você lê uma palavra, você sabe qual o significado dela? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece? Você sabe qual o significado de palavras que não conhece?

134

135

A liberdade dos quilombos, o movimento abolicionista, as comunidades quilombolas atuais, o trabalho escravo. Os temas do capítulo, ligados à liberdade, podem ser bem explorados com outras referências, além das que estão no livro.

A **Rede Mocambos** reúne comunidades quilombolas de todo o Brasil que compartilham informação, conhecimento e cultura pelo digital. No portal da rede é possível encontrar textos, fotos e vídeos de comunidades quilombolas de todo o Brasil: <http://wiki.mocambos.net/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 4 maio 2013.

A **Fundação Palmares** permite pesquisar todas as comunidades quilombolas existentes hoje no Brasil: <www.palmares.gov.br/quilombola/>. Acesso em: 4 maio 2013.

Escravo nem pensar: manual do alfabetizador, produzido pela ONG Repórter Brasil. Disponível para *download* em: <<http://pt.scribd.com/doc/53190682/Escravo-nem-pensar-Almanaque-Alfabetizador>>. Acesso em: 4 maio 2013.



O trecho da carta de Luís Gama publicado no livro é longo e traz a dificuldade da leitura da letra cursiva. Apesar disso, a temática é extremamente relevante e o texto convida ao envolvimento dos alfabetizandos da EJA por diversos motivos: as características da mãe do autor; a história do pai que o vendeu como escravo; a aprendizagem da leitura e da escrita aos 17 anos de idade; a ação política de Luís Gama que defendia negros nos tribunais e escrevia em jornais.

As perguntas da página 138 orientam a interpretação do conteúdo da carta e a contextualização do período histórico em que ela foi escrita.



ATIVIDADES (página 138)

Se o grupo se interessar, é possível ver uma reprodução do *Diário Oficial* que publicou a Lei Áurea, no dia 13 de maio de 1888:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:DiarioOficial_escravidao35201.jpg.
Acesso em: 4 maio 2013.

SEGUNDA, 14 DE MAIO DE 1888

DIARIO OFFICIAL

ÓRGÃO DO GOVERNO

O preço da assinatura é de 10000 por anno

PARTE OFFICIAL

ACTOS DO PODER LEGISLATIVO

A Assembléa Geral dirige ao Imperador o Decreto Incluz, que jeta vantajosa e útil ao Imperio e pelo a Sua Magestade Imperial Se Digno Dar a Sua Sanção.

Paço do Senado em 13 de Maio de 1888.

Antonio Claudio da Cruz Machado, 1º vice-presidente.

Burdo de Moraes e Silva, 1º secretario.

José das Flores de Godoy, 2º secretario.

A Assembléa Geral Decreta:

Artigo 1.º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil.

Artigo 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Paço do Senado em 13 de Maio de 1888.

A Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, Consente.

Paço em 13 de Maio de 1888.

PRINCESA IMPERIAL REGENTE

Rodrigo Augusto da Silva.

LEI N. 3333 — DE 13 DE MAIO DE 1888

Declara extinta a escravidão no Brasil

A Princesa Imperial Regente, em nome da Sua Magestade o Imperador e Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os súbditos do Imperio que a Assembléa Geral Decretou e Ella Sanccionou a Lei seguinte:

Art. 1.º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas e Interior dos Negocios Estrangeiros, Barthelemy Rodrigues da Silva, do Conselho da Sua Magestade o Imperador, a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1888, 67ª da Independência e do Imperio.

PRINCESA IMPERIAL REGENTE

Rodrigo Augusto da Silva.

Carta de Lei pela qual Vossa Alteza Imperial manda executar o Decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brasil, como nella se declara.

Para Vossa Alteza Imperial vêr.

Chancelleria-mór do Imperio. — Assado Perceira Vianna.

Transito em 13 de Maio de 1888. — José João de Albuquerque Barros.

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

DECRETO N. 5045 — DE 2 DE MAIO DE 1888

Determina que o Asylo de Meninos Desvalidos, que se acha em funcionamento, seja submetido a inspecção de um commissario do governo, e dá outras providencias.

Hei por bem, em Nome do Imperador, que no Asylo de Meninos Desvalidos se observem as seguintes disposições:

Art. 1.º O Asylo ficará sob a immediata inspecção de um commissario do governo imperial, nomeado pelo Ministro do Imperio.

A esse commissario compete:

1.º Fixar anualmente, no mez de Dezembro, tendo em vista os meios votados no Orçamento, o número de diretores, o numero de auxiliares; e, outrossim, em applicação a este, o dos inspectores de alunos, crianças e serventes que forem necessários;

2.º Mandar admitir e desligar os alumnos, assim como despozi-los na conformidade do regulamento anexo ao Decreto n. 8910 de 17 de Março de 1883, procedendo em todos estes casos a nomeação do Ministro do Imperio;

3.º Visitar o estabelecimento a qualquer hora do dia e da noite, e examinar-o em todas as suas partes e dependencias;

4.º Approvar o regulamento interno e a tabella da alimentação, a que se referem os arts. 14 e 43 do mencionado regulamento;

5.º Expedir ordens que julgar convenientes a bem do serviço do estabelecimento, e propor ao Ministro do Imperio as providencias que lhe parecerem necessarias para melhorar o dito serviço.

Art. 2.º O commissario do governo, ouvido o director, poderá reduzir as gratificações que se tabella n. 3 apenas ao referido regulamento não mercadas aos empregados comprehendidos na disposição do art. 18, § 3.º do mesmo regulamento.

Art. 3.º Serão dirigidos ao Ministerio do Imperio, por intermedio e com influencia do commissario do governo, as propostas que o director tiver de fazer para as nomeações de ajudante, do medico e do capellão; bem assim o relatório de que trata o art. 24, § 1.º do citado regulamento.

Art. 4.º O director requisitará do commissario do governo as ordens e providencias que desde dependem, e communicar-lha-á tudo que possa interessar ao exercicio das attribuições do mesmo commissario.

Art. 5.º Em cada termo de matrícula deverão ser mencionados, além das condições da admisso, o nome, a idade e a naturalidade do asylo, e o nome, o domicilio e a profissão de seus pais ou protectores, nos casos em que por estes seja requerida a dita admisso.

Art. 6.º O fornecimento dos generos alimenticios, dos utensilios, dos materiais primas para as officinas, dos medicamentos, e do vestuario e calçado dos alumnos (quando não puderem ser preparados nas officinas de alfaiate e sapateiro do estabelecimento) será feito mediante arrematação a que procederá concurso, aberto por editaes, salvo ordem em contrario do Ministro do Imperio nos casos em que, sobre intermediação do commissario, julgar economicamente preferivel dispensar aquella formalidade.

Art. 7.º Si nos balanços a que se deve proceder para execução do art. 32, § 8.º do regulamento de 17 de Março de 1883, se não se determinar em qualquer tempo, o commissario do governo reconhecer que a scripturação do almoxarifado não está regular ou que ha falta na qualidade e quantidade dos generos e objectos, suspenderá do exercicio do cargo o almoxarifado, e, no caso de não se achar este em exercicio, despedirá o preposto a que trata o art. 36 do mesmo regulamento, e nomeará immediatamente outro auctorizado pelo Ministro do Imperio.

Esta disposição não prejudicará o exercicio da que compete ao director, nos termos do art. 34 do mencionado regulamento.

Art. 8.º Revogam-se as disposições em contrario.

José Fernandes da Costa Pereira Junior, do Conselho da Sua Magestade o Imperador, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 2 de Maio de 1888, 67ª da Independência e do Imperio.

PRINCESA IMPERIAL REGENTE

José Fernandes da Costa Pereira Junior

MINISTERIO DO IMPERIO

EXPEDIENTE

DE 13 DE MAIO DE 1888

Sejaada directoria

Foi nomeado e Dr. Antonio Veruliano de Souza Bandeira para o lugar de commissario do governo do Asylo de Meninos Desvalidos.

— Accusou-se o recebimento de mais exemplares impressos, remetidos pelo director da Faculdade de Medicina da Bahia, de programas de uma das series do curso medico da mesma faculdade, adoptados pela congregação para o ensino das differenças clinicas no corrente anno lectivo.

— Recommendou-se ao engenheiro das obras do Ministerio do Imperio que providenciasse, a fim de se proceder aos reparos de que necessita o depósito d'agua e o armazenamento do edificio onde funcionava o Internato do Imperial Collegio no Paço II.

— Requisitou-se do Ministerio da Fazenda a expedição de cedulas.

Para que se indenizem:

— Ao bibliothecario da Bibliotheca Nacional a quantia em que importaram as despesas de frotamento pagamento que fez em Abril ultimo;

— Ao agente thesoureiro da Escola Polytechnica a de 1325760, proveniente de despesa c. Igual natureza realizada no dito mes.

Para que se paguem:

— A congrua que compete ao padre D. Augusto de Rego Barros, cura do curato da imperial freguesia de Santa Cruz;

As seguintes quantias:

De 1:520:800, importancia de objectos fornecidos por Laurent & Comp. ao laboratorio de botânica e ao gabinete de zoologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;

De 2:278:428, de despesa effectuada com as obras do edificio da igreja matriz de Nossa Senhora do Loreto de Jacarepaguá;

De 97:100 de fornecimento de objectos para o expediente da 2ª directoria da secretaria de Estado.

— Transmittiu-se ao mesmo Ministerio o pedido feito pelo Rev. arcebispo da Bahia para que se dispensem, livres de dízimos, as altaredes da provincia, os objectos e os títulos de virã Europa com destino a diversas igrejas matricadas aquelle arcebispado. — Deu-se conhecimento Rev. arcebispo.

— Remetteram-se para que possam ser fregues:

— Ao enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil em Madrid o diploma de doutor conferido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a Alberto Bernardino Boes Courant, residente na dita capital;

— Aos possesores das paróquias de S. Pedro e S. João do Rio Grande do Sul e de Minas Geraes os diplomas de paróquias aos Des. Raymundo Vieira da Silva e José Custodio de Moraes, que residem o primeiro na cidade de Pelotas e o segundo, na de Mar da Hespanha.

Auxilie o grupo a interpretar cada uma das leituras:

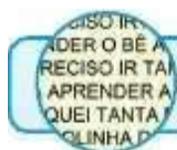
- as palavras **terra, ter, erra, arar, rara** são separadas e unidas formando novas palavras repletas de sentido. A posse da terra é a questão central da poesia e ela aparece no significado das palavras isoladamente e na maneira como estão articuladas no texto (ter a terra, rara terra, arar a terra). Deixe claro que nem todas as combinações de letras neste texto formam palavras conhecidas. O **rr** no início de uma das linhas da poesia nunca é utilizado no início de uma palavra.
- a leitura em voz alta permite perceber mais claramente as palavras apontadas acima e seus diversos significados;
- os elementos gráficos remetem ao ato de arar, à enxada, ao preparo da terra para o plantio.



ATIVIDADES

(página 152)

Oriente os alfabetizandos a lerem cada uma das palavras encontradas nos livros, jornais, revistas e embalagens em voz alta. Assim será mais simples perceber diferença entre os sons do R e será mais fácil identificar a posição da letra nas sílabas, conforme a indicação da página 151.



TEXTO 2

(página 153)

O texto da revista *Veja* é longo, complexo e bastante informativo. Deparar-se com tantas letras é um desafio para qualquer alfabetizando, mesmo que esteja chegando ao final do ciclo de alfabetização. Ao mesmo tempo, vencer o desafio de ler e compreender um texto tão longo é importante para a autoestima e a autoconfiança dos novos leitores.

Para tornar a experiência o mais simples e atraente possível, você pode bolar uma estratégia. Segue uma sugestão:

Peça à turma que faça uma leitura silenciosa do texto. Depois de alguns minutos é provável que todos estejam cansados e desinteressados. Peça então que fechem os livros e se concentrem em compreender a sua leitura.

Leia, então, o texto em voz alta, caprichando na entonação, como se estivesse conversando com o grupo. É muito provável que a turma se sinta provocada a abrir o livro novamente para perceber se sua leitura tão fluida está mesmo nessas letras.

Leia a primeira página e faça uma pausa para a interpretação e uma breve discussão sobre os pontos levantados. Depois, leia mais uma página e repita as pausas interpretativas quando julgar pertinente.

Não se esqueça de recorrer ao glossário ou ao dicionário a cada dúvida de vocabulário.



ESTUDO DA MATEMÁTICA

(página 160)

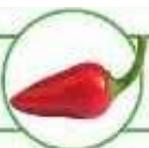
É provável que quase todos os alfabetizandos já tenham manipulado uma calculadora. Antes de explorar o funcionamento do aparelho e da troca de informações sobre as funções das teclas, converse com o grupo sobre as funções da calculadora. Das pessoas que já a utilizaram, por que o fizeram?

Os cálculos que seguem estão relacionados à questão agrária.

Convide o grupo a ler atentamente cada um dos enunciados das situações-problema. Só depois de compreender muito bem o que é pedido, cada um deve registrar as operações matemáticas necessárias para se chegar à resposta, e depois deve realizar as operações.

Capítulo 10: CONTAR HISTÓRIAS E NÚMEROS, TRANSFORMAR REALIDADES

(página 166)



ESQUENTA

(página 167)

Estimule que as pessoas descrevam e interpretem as imagens da página 166.

CAPÍTULO 10

CONTAR HISTÓRIAS E NÚMEROS, TRANSFORMAR REALIDADES

Do *Magnum do Eikevort*
Do *Magnum do Eikevort*
Do *Magnum do Eikevort*

ESQUENTA

- EM RODA, CONVERSE COM SEUS COLEGAS:
- O QUE O TÍTULO DO CAPÍTULO TEM A VER COM AS IMAGENS AO LADO?
- O QUE É POSSÍVEL FAZER AGORA, AO FINAL DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, QUE NÃO ERA POSSÍVEL NO INÍCIO DO CICLO?
- QUAL É O SENTIMENTO DE CADA PESSOA DO GRUPO AO FINALIZAR ESTA ETAPA?
- COMO CADA UM PLANEJA CONTINUAR A APRENDER, DENTRO E FORA DA ESCOLA?

MEU ESPAÇO

Escreva um texto sobre o que você aprendeu com o ciclo de alfabetização e o que você quer fazer agora para transformar a realidade. Você pode usar as imagens do capítulo para inspirar seu texto. O texto deve ter pelo menos 10 linhas e ser escrito em uma folha de papel.

166

167

- O rapaz com a filmadora (que nos lembra a possibilidade de fazermos vídeos com equipamentos acessíveis. Hoje, com celulares e câmeras digitais, é possível filmar com qualidade de exibição para o cinema, dependendo do aparelho e da resolução definida. Para fazer um filme ou gravar cenas cotidianas, não é mais preciso ter equipamento caro, pesado e uma equipe especializada. Basta ligar a câmera e filmar. Para aprimorar a qualidade das filmagens, pode-se buscar tutoriais na internet de como filmar e editar vídeos. Depois, como explicitado na seção Mundo Digital do capítulo 6, é possível publicar o vídeo na internet para que muitas pessoas tenham acesso a ele.

Pergunte para o grupo se é possível transformar a realidade com vídeos. Se sim, peça exemplos e possibilidades.

- Na imagem do telecentro no Acre, dois jovens utilizam o computador. Será possível transformar realidades a partir do uso da internet?
- Pergunte para o grupo quem conhece uma cisterna, para que ela serve e por que a imagem foi publicada como uma possibilidade de transformar realidades.

- Como um fórum democrático, comitê de discussão em defesa das florestas, pode ser transformador?
- O Festival Baixo Centro aconteceu em 2012 e 2013 na cidade de São Paulo, ocupando as ruas da cidade com arte e cultura. Todo o financiamento necessário foi doado por quase duas mil pessoas. O *site* de financiamento coletivo Catarse permite que qualquer pessoa apresente um projeto e peça a contribuição de outras para que o projeto se realize. Veja o financiamento coletivo do Festival em 2013: <<http://catarse.me/pt/BaixoCentro2013>>. Acesso em: 4 maio 2013.

O *Ônibus Hacker* também foi comprado com financiamento coletivo. Observe a explicação sobre o que é o ônibus publicada no *site*:

“O Ônibus Hacker é um laboratório sobre quatro rodas no qual *hackers* de toda sorte embarcam por um desejo comum: ocupar cidades brasileiras com ações políticas. Por política, entendemos toda apropriação tecnológica, toda gambiarra, todo questionamento e exercício de direitos. Por ação, entendemos a prática, o faça você mesmo uma antena de rádio, um projeto de lei, uma escola.

Nessa lógica, o *download* de um *torrent* é uma ação política tão potente quanto a construção de aplicativos a partir de dados abertos. E encontros como estes, num busão, contam com o aditivo do caminho entre uma cidade e outra, quando ideias diversas se conectam e um orçamento público pode se tornar um lambe-lambe ou um grafite nos muros.

O projeto começou em junho de 2011, quando a Transparência Hacker o lançou no Catarse uma plataforma de financiamento coletivo. Em dois meses, 500 pessoas doaram 60 mil reais para a compra do ônibus, que começou a rodar pra valer em 2012. Desde então, 8 invasões *hacker* foram realizadas por mais de 100 pessoas de redes e áreas diversas para um público que chega a 3 mil pessoas.”

O vídeo **Remixofagia** tem menos de 16 minutos e trata das possibilidades de transformação social a partir da cultura digital no Brasil. O vídeo está disponível *on-line* pelo *link*: <<http://vimeo.com/24172300>>. Acesso em: 4 maio 2013.

Estimule o grupo a sonhar e a compartilhar sonhos: o que eu gostaria de fazer agora que estou alfabetizado?



TEXTO 1 (página 168)

Todas as músicas do grupo *O Teatro Mágico* estão na internet, disponíveis para serem ouvidas ou baixadas no *site* do grupo: <www.oteatromagico.mus.br>. Acesso em: 4 maio 2013.

Se puder, ouça a música com a turma mais de uma vez antes de fazer a leitura da letra.



ATIVIDADES

e



PRODUÇÃO

(página 170)

Chegar ao final do livro de alfabetização significa o fechamento de uma etapa muito importante, e do início ou recomeço de um processo de escolarização. Por mais que as necessidades básicas de aprendizagem da leitura, da escrita e do mundo digital tenham sido alcançadas, é necessário continuar a ler para aprimorar as competências de leitura e escrita. Mas o que é possível ler quando não frequentar mais o grupo? Mapear textos e onde encontrar tais textos é um serviço que a turma presta a ela mesma. Todas e todos poderão, depois, utilizar o que foi listado para acessar materiais de leitura e continuar a ler.

Da mesma forma, listar as escolas que oferecem EJA na região e saber o que é necessário para efetuar matrícula poupa esforços de todo o grupo e permite que alguns alunos tentem se organizar para fazer matrícula na mesma escola e seguir o processo de escolarização juntos.

O mapeamento das escolas, com a orientação do alfabetizador, é essencial, visto que em muitos lugares do país não é fácil encontrar a informação de onde existem salas de EJA e como fazer matrícula.



TEXTO 2 (página 172)

Está no imaginário de muitas pessoas que existe um único modo correto de ser leitor. Muitas vezes, o alfabetizando da EJA não consegue dedicar-se à leitura com facilidade e se sente afastado do hábito de ler: ou sou um leitor voraz ou não leio nada nunca. O texto de Pennac é excelente para explicitar a liberdade que todas as pessoas podem exercer como leitoras.



HISTÓRIA DE VIDA (página 173)

Reserve de duas a três aulas para que os alfabetizados possam escrever, revisar e passar a limpo sua autobiografia.

Primeiro, convide o grupo a folhear as histórias de vida lidas nesse livro e a perceber pontos comuns em todos os textos.

A partir daí, no caderno, cada um pode escrever tópicos ou uma lista de palavras sobre sua história. Como se fosse um roteiro do texto final.

Depois, escreva, ainda em uma folha de caderno, o texto em si, a partir dos tópicos listados.

Quando o texto estiver pronto, peça a um colega que leia o do outro e proponha correções. Explique que a revisão de pares é comum em toda a idade escolar e também no trabalho das pessoas.

A partir das sugestões que receber de um amigo, é possível melhorar o texto e passá-lo a limpo no livro.

Referências bibliográficas

- BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Brasília: Liber Livro, 2008.
- CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. São Paulo: Vozes, 1994.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Cadernos de Pesquisa, n. 97, p. 47-63, 1996. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n97/n97a05.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2013.
- DI PIERRO, Maria Clara. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005, p. 1115-1139. Disponível em <www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18.pdf>. Acesso em: 6 maio 2013.
- _____. *Educação de Jovens e Adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente*. Cadernos de Pesquisa [on-line], v. 38, n. 134, maio/ago. 2008, p. 367-391. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0638134.pdf>. Acesso em: 6 maio 2013.
- _____. *A educação de jovens e adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas*. Educação & Sociedade [on-line], v. 31, n. 112, 2010, p. 939-959.
- DURAN, Débora. *Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações*. Tese (Doutorado) apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.
- FLECHA, Ramon; ELBOJ, Carmen. *La Educación de Personas Adultas en la sociedad de la información*. Revista de Educación XXI, 2000. Disponível em: <www.uned.es/educacionXX1/pdfs/03-05.pdf>. Acesso em: 6 maio 2013.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.
- _____. *Educação na Cidade*. São Paulo: Vozes, 1995.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007.
- HADDAD, Sérgio. Apresentação. *Revista e-curriculum*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3240/2158>>. Acesso em: 6 maio 2013.
- . *A Educação Continuada e as políticas públicas no Brasil*. REVEJ@ Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, maio/ago. 2000, p. 108-130.
- LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, José Márcio Augusto de. *Escrevendo com o computador na sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e de aprendizagem*. Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1999. Disponível em: <www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde12/rbde12_06_marta_kohl_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 6 maio 2013.
- OLIVEIRA, M. K. *Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto*. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago. 2004.
- OLIVEIRA, M. K.; VÓVIO, C. L. Homogeneidade e heterogeneidade nas configurações do alfabetismo. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.
- ONG Repórter Brasil. *Escravo, nem pensar! Almanaque do alfabetizador*. Brasília: MEC/OIT/ONG Repórter Brasil, 2006.
- PAIVA, Vanilda. *História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 2003.
- RIBEIRO, V. M. *Alfabetismo e atitudes*. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Papyrus, 1999.
- SANTANA, Bianca. *Jovens e adultos em processo de escolarização e as tecnologias digitais: quem usa, a favor de quem e para quê?* Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01102012-103931/pt-br.php>. Acesso em: 6 maio 2013.
- SCHWARTZ, Suzana. *Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática*. São Paulo: Vozes, 2012.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- TORRES, Rosa María. *Aprendizaje ao largo de toda la vida: un nuevo momento y una nueva oportunidad para el aprendizaje y la educación básica de las personas adultas (AEBA) en el Sur*. Quito-Buenos Aires: Instituto Fronesis, 2002.
- TORRES, R. M. ¿Quiénes son analfabetos? In: *Lecturas para la educación de los adultos: aportes de fin de siglo*. t. III. México: INEA, 2000.
- VÓVIO, Claudia Lemos. *Construções identitárias: ser leitor e alfabetizador de jovens e adultos*. Linguagem em (Dis)curso, v. 8, 2008, p. 407-652.
- _____. *Discursos sobre a leitura: entre a unidade e a pluralidade*. Perspectiva, v. 28, 2010, p. 401-431.
- _____. *Metodología de las dicotomías: la articulación de saberes em la alfabetización*. Decisio, Cidade do México, set./dez., 2011, p. 49-54.

Documentos

- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2013.
- CONFINTEA V. *Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro*, 1997. Disponível em: <www.cefetop.edu.br/codajoia/proeja-programa-nacional-de-integracao-da-educacao-profissional-com-a-educacao-basica-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos/VConfintea_Hamburgo_1997.pdf/at_download/file>. Acesso em: 6 maio 2013.
- CONFERÊNCIA REGIONAL PREPARATÓRIA PARA A V CONFINTEA. *Compromisso Renovado para a Aprendizagem ao Longo da Vida: proposta da região América Latina e Caribe*. Cidade do México, 2008.
- HENRIQUES, Ricardo; BARROS, Ricardo Paes de; AZEVEDO, João Pedro (Orgs.). *Brasil alfabetizado: marco referencial para avaliação cognitiva*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.